



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Ciências Sociais e Humanas

Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e variáveis Psicossociais: Agressão e Ansiedade

VERSÃO DEFINITIVA APÓS DEFESA PÚBLICA

Patrícia Isabel de Sousa Faria

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Psicologia Clínica e da Saúde
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Manuel Loureiro

Covilhã, novembro de 2018

Dedicatória

A ti Nandinha, os anos passam e as saudades são cada vez maiores. Estou a fazer tudo aquilo que te prometi, acima de tudo estou a ir atrás dos meus sonhos, estou a ser feliz. Obrigada pelo apoio incondicional que me deste ao longo de toda a minha infância e adolescência, sei que muitos dos meus ideais e valores partiram dos seus ensinamentos tão subtis e poderosos ao mesmo tempo. Um beijinho daqui até ao céu.

Até já, vou continuar a ser melhor por ti. Adoro-te!

Agradecimentos

Aos meus principais pilares, mãe e pai, que sempre me fizeram lutar e nunca me deixaram duvidar das minhas capacidades, do meu potencial e do meu carisma. Que fizeram de tudo para que eu não desistisse do meu principal objetivo e daquilo que eu sei que um dia me vai fazer muito feliz. Um obrigada nunca será suficiente para agradecer todo o empenho e dedicação que tiveram para comigo desde sempre.

Diguinho, pelas promessas que te fiz e que me fizeram sempre levantar a cabeça e ter vontade de lutar pelos meus objetivos e nunca desistir. Ao irmão que sempre prometi proteger e ajudar em tudo o que estivesse ao meu alcance, esta vitória também é tua!

Diogo, tu que foste o meu porto de abrigo, um pilar que apareceu na minha vida e me tem acompanhado aos longos dos últimos anos. Sempre me encorajou e teve uma palavra de conforto e ânimo. À pessoa que sempre esteve comigo, não só nos bons momentos, mas também nos momentos menos bons. A ti, o meu muito obrigada (mesmo)!!

Queria também agradecer à minha família, avós, tios, primos e à família que não é de sangue, mas que me acolhe como tal, (Zeca, Bela, Tita, Pedro, D. Julieta, Maria Joana e Tininha), pela paciência que têm em me ouvir sempre que tenho uma notícia entusiasmante para vos contar, e por olharem para mim com os olhos a transbordar de orgulho. Não há material que compre essa sensação. Obrigada por todo o amparo e amor incondicional.

Não me posso esquecer daqueles que ao longo deste último ano sempre me prestaram auxílio, compreensão e acima de tudo muita dedicação. Que me ensinaram a ser um protótipo daquilo que eu um dia quero ser, que me fizeram sonhar e acreditar que vou ser melhor. Ao meu orientador, Prof. Manuel Loureiro, obrigada por toda a dedicação, compreensão e, acima de tudo, pelo ensinamento de novas competências que me fizeram sair da minha zona de conforto, que me fizeram evoluir enquanto pessoa e profissional. Quero ainda agradecer à Prof. Paula Carvalho pela dedicação e acompanhamento ao longo destes cinco anos académicos, que me tem dado a possibilidade de conhecer mais para além do estipulado no plano curricular, que me faz abrir horizontes e ter objetivos cada vez mais altos. Obrigada!

Por fim, quero agradecer aos amigos, que são a família que eu escolhi. A todas as amizades que fui fazendo ao longo dos anos, às que perduram, mas também às que ficaram pelo caminho, que me fortaleceram e me tornaram uma pessoa mais resiliente.

À melhor colega de casa, à melhor amiga, à melhor companhia de todas as refeições e de todas as conversas sem fim. À pessoa que esteve ao meu lado incondicionalmente ao longo destes últimos 3 anos, à minha Nês. OBRIGADA!

À Beatriz, à amiga que se revelou fundamental e que sustentou muita da minha resiliência para completar mais um ciclo. Pelas horas perdidas a ouvir os meus problemas e perguntas existenciais e por me dar esperança e dizer para ter calma quando tudo parece estar a correr mal. Obrigada, porque do nada foste um grande pilar nesta fase. Foste a melhor surpresa deste ano. Obrigada mesmo!

Por fim, mas não menos importante, à Covilhã, cidade que me viu crescer, na qual tantos objetivos foram atingindo e ensinamentos foram apreendidos. Cresci tanto ao teu lado minha querida cidade do coração. Não será lembrada, certamente, só pela parte académica, mas por todos os ensinamentos no que diz respeito às amizades, são poucas as que levo, mas são tão genuínas. Obrigada Covilhã, serás sempre a minha Covi!

*“Covilhã cidade flor
Corpo agreste de cantaria
Em ti mora o meu amor
E em ti nasce o novo dia”*

Amália Rodrigues - Covilhã, Cidade Neve

Resumo

É no âmbito do projeto e linha investigação denominada de: “Alta sensibilidade de Processamento Sensorial e variáveis Psicossociais” que surge a presente dissertação, cujo principal escopo é o tema Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial (ASPS). A génese e o seu percurso na procura da cientificidade é ainda curto e pouco fundamentado, o que objetiva rever sequencialmente, a nível temporal, o percurso da ASPS, bem como apresentar, explorar e analisar evolução deste constructo. Estes objetivos foram atingidos através de uma revisão teórica global e sequencial de artigos científicos relativos ao tema. Nesta linha, e face à atualidade, à pertinência e à importância crescente deste tema, os objetivos empíricos, focam-se no estudo do constructo e uma possível associação com as variáveis psicossociais Agressão e Ansiedade, como forma de prever e essencialmente compreender a importância de alguns fatores quando nos deparamos com uma pessoa altamente sensível.

De forma a atingir os objetivos empíricos propostos definiu-se e executou-se um estudo quantitativo, comparativo e transversal, recorrendo-se a uma amostra por conveniência, cujos dados foram recolhidos de *online*, foi dividido em duas partes principais, inicialmente foi apresentado um questionário sociodemográfico, de seguida foi apresentada uma segunda parte composta pelas escalas em estudo *Highly Sensitive Person Scale* (HSPS), *Aggression Questionnaire* (AQ), *Brief Symptoms Inventory* (BSI). A amostra é constituída por 969 participantes, dos quais 325 são homens (33.5%) e 644 são mulheres (66.5%), com idades compreendidas entre os 18 e os 65 anos de idade. Os principais resultados obtidos no estudo encontraram associações positivas entre a ASPS e as variáveis agressão e ansiedade. Posteriormente, através do estudo do comportamento da ASPS como preditora das variáveis independentes, foi possível observar uma percentagem significativa da predição da variância das variáveis agressão e ansiedade. No que concerne às variáveis sociodemográficas em estudo, foram encontradas diferenças no que remete para o género, tendo as mulheres valores mais elevados que os homens; na variável idade diferenças estatisticamente significativas não foram encontradas. De um modo geral, à exceção da variável idade, todos os resultados encontrados foram ao encontro, ou pelo menos, conseguiram ser interpretados, à luz da teoria e referenciais teóricos explorados bem como de outros estudos prévios. Os resultados obtidos com esta dissertação salientam a atualidade, a importância e a relevância do estudo da ASPS, devido ao seu potencial papel como preditor do funcionamento em diversas esferas da vida do ser humano.

Palavras-chave

Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial, Agressão e Ansiedade.

Abstract

It is within the project and line of research called: "High Sensitivity of Sensory Processing and Psychosocial Variables" which emerges the present dissertation, whose main scope is the High Sensitivity Sensory Processing (HSSP). The genesis and its path in the pursuit of scientificity is still short and not well founded, which aims to sequentially revise, in a temporal way, the course of the HSPS, as well as present, explore and analyze the evolution of this construct. These objectives were achieved through a global and sequential theoretical review of scientific papers on the subject. In this line, and in view of the relevance and increasing importance of this theme, the empirical objectives focus on the study of the construct and a possible association with the psychosocial variables Aggression and Anxiety as a way of predicting and essentially understand the importance of some factors when we come across a highly sensitive person.

To achieve the proposed empirical objectives, a quantitative, comparative and cross-sectional study was defined and executed using a convenience sample, whose data was collected online, and divided into two main parts. First, a sociodemographic questionnaire, followed by a second part composed by the Highly Sensitive Person Scale (HSPS), Aggression Questionnaire (AQ) and Brief Symptoms Inventory (BSI) scales. With the statistical analysis of the data of the sample, constituted by 969 participants, of which 325 are men (33.5%) and 644 are women (66.5%), aged between 18 and 65 years of age. The main results obtained in the study found positive associations between ASPS and the variables Aggression and Anxiety. Subsequently, through a study of ASPS behavior as a predictor of the independent variables, it was possible to observe a significant percentage of the prediction of the variance of the variables Aggression and Anxiety. Regarding the sociodemographic variables under study, differences were found in what refers to gender, with women having higher values than men; in the variable age, statistically significant differences were not found. In general, except for the variable age, all the results found were expected, regarding the literature review that was conducted. The results obtained with this dissertation highlight the relevance of the ASPS study, due to its potential role as a predictor of the functioning in different spheres of human life.

Keywords

High Sensitivity Sensory Processing; Aggression; Anxiety.

Índice

Dedicatória	iii
Agradecimentos	v
Resumo	vii
Abstract	ix
Lista de Tabelas	xiii
Lista de Acrónimos	xv
Introdução	1
Capítulo I: Estado da Arte	3
1.1. Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial	3
1.2. Agressão	7
1.3. Ansiedade	15
1.4. Questão, Objetivos e Hipóteses de Investigação	17
Capítulo II: Metodologia de Investigação	21
2.1. Natureza do Estudo	21
2.2. Participantes	21
2.3. Instrumentos	23
2.3.1. <i>Highly Sensitive Person Scale</i>	23
2.3.2. <i>Aggression Questionnaire</i>	24
2.3.3. <i>Brief Symptoms Inventory</i>	24
2.4. Procedimentos de Recolha de Dados	25
2.5. Procedimento	26
Capítulo III: Resultados	27
3.1. Análise Descritiva dos Resultados dos Instrumentos	27
3.1.1. <i>Highly Sensitive Person Scale</i> (HSPS)	27
3.1.2. <i>Aggression Questionnaire</i> (AQ)	28
3.1.3. <i>Brief Symptoms Inventory</i> (BSI)	28
3.2. Análise Inferencial	28
Hipótese 1	28
Hipótese 2	30

Hipótese 3	32
Hipótese 4	34
Hipótese 5	35
Hipótese 6	36
Capítulo IV: Discussão.....	39
Conclusão e Considerações Finais	43
Referências Bibliográficas	47
Anexos.....	53

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica da amostra

Tabela 2 - Estatística descritiva do instrumento HSPS

Tabela 3 - Estatística descritiva do instrumento HSPS tendo em conta o N de participantes com SPS alta e SPS baixa

Tabela 4 - Estatística descritiva do instrumento AQ e respetivas dimensões

Tabela 5 - Estatística descritiva da dimensão Ansiedade do instrumento BSI

Tabela 6 - Coeficiente de correlação de Pearson para análise da associação entre a SPS e a Ansiedade

Tabela 7 - Modelo de regressão linear simples sobre a Ansiedade e a SPS

Tabela 8 - Modelo de regressão linear simples relativa à associação entre a Ansiedade e a SPS

Tabela 9 - Coeficiente de correlação de Pearson para análise da associação entre a Agressão e a SPS

Tabela 10 - Modelo de regressão linear simples sobre Ansiedade e a SPS

Tabela 11 - Modelo de regressão linear simples relativa à associação entre a Agressão e a SPS

Tabela 12 - Coeficiente de correlação de Pearson para análise da associação entre os 4 fatores do Questionário Agressão relativamente ao nível de SPS

Tabela 13 - Modelo de regressão linear simples sobre SPS e Agressão Verbal

Tabela 14 - Modelo de regressão linear simples sobre SPS e Raiva

Tabela 15 - Modelo de regressão linear simples sobre SPS e Hostilidade

Tabela 16 - Modelo de regressão linear simples relativa à associação entre a SPS e as diferentes dimensões da Agressão

Tabela 17 - Teste T para análise das diferenças nas variáveis Ansiedade e Agressão tendo em conta a SPS

Tabela 18 - Teste T para amostras independentes para analisar diferenças entre a variável “género” e o nível de SPS

Tabela 19 - ANOVA I para análise de diferenças entre a variável “idade” e o nível de SPS

Lista de Acrónimos

UBI	Universidade da Beira Interior (UBI),
ASPS	Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial
HSPS	<i>Highly Sensitive Person Scale</i>
AQ	<i>Aggression Questionnaire</i>
BSI	<i>Brief Symptoms Inventory</i>
SPS	Sensibilidade de Processamento Sensorial
FE	Facilidade de Excitação
SE	Sensibilidade Estética
LSB	Limite Sensorial Baixo
NA	Afeto Negativo
SO	Sensibilidade Orientada
MGA	Modelo Geral de Agressão
PA	Perturbação de Ansiedade
OG	Questão de Investigação
OEI	Objetivos Específicos de Investigação
H	Hipótese
HI	Hipóteses de Investigação
AF	Agressão Física
AV	Agressão Verbal
R	Raiva
H	Hostilidade
AT	Agressão Total
TLC	Teorema do Limite Central
ANOVA	Análise de Variância
ANOVA I	Análise de Variância Unifatorial

Introdução

A presente dissertação de mestrado, foi desenvolvida no âmbito da obtenção do grau de Mestre na área de Psicologia Clínica e da Saúde pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade da Beira Interior (UBI), tendo como principal objetivo estudar a Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial (ASPS) e a sua relação com a Agressão e a Ansiedade.

O presente estudo encontra-se organizado em 4 capítulos principais. Inicialmente, o capítulo I pretende elaborar uma síntese teórica que apresenta o “estado da arte”, o qual pretende descrever e desenvolver com maior detalhe todos os construtos abordados no tema geral deste estudo, nomeadamente a Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial, Agressão, Ansiedade e, por fim, a relação entre estas. Posto isto, será apresentada uma revisão bibliográfica sobre as variáveis principais do estudo, com o intuito de obter o necessário enquadramento teórico. Posteriormente, será apresentado o problema de investigação, principais objetivos e a formulação de hipótese de investigação.

Ao longo do capítulo II será feita uma apresentação detalhada do trabalho empírico, que contemplará os seguintes subcapítulos: natureza do estudo; participantes; instrumentos utilizados; e, por fim, procedimentos adotados.

No próximo capítulo serão expostos e descritos os principais resultados obtidos da análise estatística, inicialmente será apresentada uma análise descritiva dos dados dos instrumentos utilizados no estudo, nomeadamente, serão apresentados os resultados obtidos relativamente às pontuações globais (média e desvio padrão) que foram obtidas nas escalas *Highly Sensitive Person Scale* (HSPS), *Aggression Questionnaire* (AQ) e na dimensão Ansiedade do instrumento *Brief Symptoms Inventory* (BSI). Num segundo ponto será elaborada uma análise inferencial com base nas hipóteses teóricas previamente estabelecidas.

Por fim, e como forma de conclusão procede-se à discussão acerca dos resultados obtidos subjacentes à análise estatística, bem como uma reflexão final conclusiva, em que serão também expostas algumas limitações do estudo e recomendações para estudos futuros.

Capítulo I: Estado da Arte

Inicialmente, o capítulo I pretende elaborar uma síntese teórica que apresenta o “estado da arte”, o qual pretende descrever e desenvolver com maior detalhe todos os construtos abordados no tema geral deste estudo, nomeadamente a Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial, Agressão, Ansiedade e, por fim, a relação entre estas. Posto isto, será apresentada uma revisão bibliográfica sobre as variáveis principais do estudo, com o intuito de obter o necessário enquadramento teórico. Posteriormente, será apresentado o problema de investigação, principais objetivos e a formulação de hipótese de investigação.

1.1. Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial

A Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial (ASPS) é um fenómeno descrito por Aron e Aron (1997), que pressupõe que a “pessoa altamente sensível” percebe e processa estímulos externos e internos de menor intensidade de forma hipersensível, fomentando a ideia de que indivíduos com ASPS têm um baixo limiar de sensibilidade ao estímulo. Estes indivíduos altamente sensíveis relatam maior reatividade emocional e inibição comportamental, subjacente a propriedades temperamentais de sensibilidade do processamento sensorial, isto é, uma elevada capacidade de reagir a estímulos sensoriais cujo valor estimulante é baixo. Estima-se que aproximadamente 15-25% da população pode ser considerada altamente sensível, que, por vezes, é confundida com neuroticismo, introversão e timidez, mas, segundo Aron e Aron (1997), a alta sensibilidade é dissociável da introversão social e emocional (Benham, 2006; Smolewska, McCabe, & Woody, 2006; Aron, Aron, & Jagiellowicz, 2012; Konrad & Herzberg, 2017; Andersen, Goldmann, & Volodina, 2017; Mullet, Rinn, Jett, & Nyikos, 2017).

Na verdade, estas pessoas encontram-se com uma maior predisposição e vulnerabilidade para uma extrema sensibilidade a um *input* sensorial e/ou emocional, comparativamente à restante população, indicando um traço de personalidade estável de alta sensibilidade que envolve um processamento cognitivo mais profundo (não necessariamente consciente) de estímulos ambientais internos e externos num espectro de situações, levando a uma maior reatividade emocional, biológica ou de *stress*. Neste sentido, indivíduos com altos níveis de sensibilidade de processamento sensorial (SPS), por norma, são caracterizados por uma maior inibição comportamental, particularmente em situações novas e com as quais nunca tenham sido confrontados, isto é, por norma, quando expostos a novos estímulos ambientais, tendem a controlar o volume destes, incluindo o contato social. Desta modo, podem ser facilmente induzidos a situações de *stress*, ativadas por estímulos ambientais ou sociais novos e intenso, que conseqüentemente fomentam um maior isolamento da pessoa com elevada SPS, devido à necessidade de se afastar quer do ambiente em que se encontra, quer das interações sociais (Jonsson, Grim, & Kjellgren, 2014; Andersen, Goldmann, & Volodina, 2017).

Inúmeras pesquisas sugerem que a ASPS, se encontra em cerca de 20% da população mundial, bem como em mais de 100 outras espécies. Aproximadamente um quinto da população tem a hipótese de ser altamente sensível a vários tipos de informação e estímulos (Aron, 1996), esta é uma característica associada à maior sensibilidade e responsividade ao ambiente e aos estímulos sociais. Estudos de autorrelato mostraram que indivíduos com altos níveis de SPS são fortemente afetados pelo humor de outras pessoas (Acevedo, Aron, Aron, Sangster, Collins, & Brown, 2014).

Por vezes, são suscetíveis de "parar para verificar" quando confrontados com situações novas, evidenciando maior consciência e atenção para estímulos subtis e novos, parecem ser mais reativos a estímulos positivos e negativos. Essa combinação suporta uma tendência para processar estímulos de forma mais elaborada e aprender com as informações obtidas, que podem ser úteis no presente e aplicadas em situações futuras de forma oportuna. Deste modo, sendo mais sensíveis são capazes de detetar e evitar erros, uma vez que são altamente conscientes, mostrando-se menos afetados pelo contexto cultural à medida que processam informações de forma mais aprofundada, caracterizam-se ainda pelas suas capacidades autorreflexivas. Assim, a ASPS também tem um lado "brilhante" que, conseqüentemente, pode ser um recurso valioso na redução de *stress*. (Evers, Rasche, & Schabracq, 2008; Acevedo et al., 2014; Andersen, Goldmann, & Volodina, 2017).

Operacionalizando, a ASPS é descrita como uma dimensão geneticamente determinada, envolvendo um processamento cognitivo mais profundo aos estímulos, que é impulsionado por uma reatividade emocional mais elevada. Esta envolve um processamento mais profundo das cognições e das emoções, uma maior intensidade emocional (positiva e negativa) e uma maior sensibilidade a estímulos menos intensos, recebidos por todos os sentidos, nomeadamente o sentido visual, auditivo, tátil, olfativo e gustativo (Braem, Asher, Furrer, Lechner, Wurbel, & Melotti, 2017).

Um estudo comparativo procurou compreender possíveis diferenças entre indivíduos altamente sensíveis e indivíduos com baixo SPS no que concerne ao nível de reconhecimento de imagens. Neste sentido, foi pedido ao grupo de indivíduos altamente sensíveis que notassem diferenças subtis em fotografias de paisagens, descobriram então que indivíduos com alta SPS apresentavam uma maior ativação das regiões cerebrais para o processamento visual e de atenção, comparativamente ao grupo com baixa SPS (Acevedo et al., 2014).

Note-se ainda que os indivíduos altamente sensíveis parecem ter habilidades e intuição de processamento inconsciente altamente desenvolvidas, bem como sonhos mais significativos e de maior sugestibilidade (Jonsson, Grim, & Kjellgren, 2014).

A alta SPS é considerada uma das estratégias que evoluíram para promover a sobrevivência da espécie, por serem mais responsivos ao ambiente que os rodeia, estes organismos possuem uma

Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e variáveis Psicossociais: Agressão e Ansiedade

maior consciencialização de oportunidades (e.g., alimentos, companheiros e alianças) e ameaças (e.g., predadores, concorrentes, etc.) e, assim, podem estar mais preparados para responder a situações emergentes. Essa estratégia de sobrevivência é eficaz desde que os benefícios da sensibilidade aumentada superem os seus custos. Ainda outro estudo investigou indivíduos do Leste Asiático e dos Estados Unidos e evidenciou que a SPS modera o efeito da cultura nas respostas neurais a tarefas cognitivas culturalmente relevantes (Acevedo et al., 2014).

Belsky (referido por Andersen, Goldmann, & Volodina, 2017) sugere que existem diferenças individuais a nível da sensibilidade ao ambiente, segundo o autor, características temperamentais fenotípicas, atributos endofenotípicos e ainda genes específicos tendem a funcionar como “fatores de plasticidade”, tornando alguns indivíduos mais vulneráveis a influências positivas e negativas provenientes do meio ambiente. A sensibilidade biológica à teoria do contexto (Boyce & Ellis, 2005) postula que os indivíduos diferem na sua sensibilidade biológica ao meio ambiente, com propensão a reações positivas sob condições ambientais de proteção e suporte e a reações negativas em condições de adversidade subjacentes ao meio ambiente (Andersen, Goldmann, & Volodina, 2017).

A ASPS tem ainda sido postulada como sendo uma manifestação do sistema nervoso central, denotado de altamente sensível, no qual as influências ambientais se caracterizam como moderadoras (Andersen, Goldmann, & Volodina, 2017).

Diferentes níveis de SPS parecem estar ligados a diferenças nos sistemas neurotransmissores dopaminérgicos, bem como no sistema serotoninérgico, com análogos sugeridos entre a SPS elevada e os alelos da região polimórfica, ligada ao transportador da serotonina. Os indivíduos com níveis mais elevados de SPS revelam diferenças culturais menores no que concerne ao julgamento dos estímulos visuais, uma maior ativação de regiões cerebrais ligadas à consciência e empatia, integrando e distinguindo as próprias emoções dos outros e do sistema neurónio espelho em relação aos estímulos afetivos sociais, nomeadamente em resposta a fotos de rostos felizes, tristes e neutros, dos seus pares ou estranhos. Estas descobertas sugerem a existência de uma base fisiológica para as diferenças na perceção, processamento e resposta à informação mostrada a indivíduos altamente sensíveis (Braem et al., 2017).

Uma nuance interessante, corroborada por teóricos da área, centra-se na utilidade para os profissionais que estudam este fenómeno, investigar a alta SPS entre indivíduos superdotados, uma vez que parecem ter uma maior tendência a serem altamente sensíveis aos estímulos ambientais, pois apresentam uma extrema sensibilidade a vários estímulos sensoriais. O que sugere que o processamento sensorial atípico pode resultar em problemas sociais e emocionais, incluindo impulsividade, abstinência ou evitamento das sensações. Desta forma, seria pertinente uma possível discriminação, com precisão, entre a ASPS e condições psicopatológicas (e.g., Perturbações do Espectro do Autismo, Perturbações da Personalidade Esquiva),

contribuindo para uma menor incidência de erro de diagnóstico (Mullet, Rinn, Jett, & Nyikos, 2017).

Como forma de avaliar se a pessoa é altamente sensível, ou não, foi desenvolvida uma escala, *Highly Sensitive Person Scale* (HSPS) constituída por 27 itens, numa escala do tipo *Likert* que varia entre 1 (não) e 7 (extremamente). Esta escala procura medir o construto da alta sensibilidade sensorial e a capacidade de ativação associada, que é parcialmente independente da introversão e da emoção, tal como supramencionado. No desenvolver da escala surgiram três construtos, sendo estes, a Facilidade de Excitação (tornar-se mentalmente sobrecarregado por estímulos externos e internos, FE), a Sensibilidade Estética (consciência estética, SE) e o Limite Sensorial Baixo (LSB) (Evers, Rasche, & Schabracq, 2008; Konrad & Herzberg, 2017).

A *Highly Sensitive Person Scale* (HSPS), foi desenvolvida e validada através de uma série de estudos que visam explorar a construção da personalidade em indivíduos com alta SPS. Pesquisas prévias apresentaram uma correlação significativa entre a SPS e fatores de personalidade, mais concretamente, a introversão, o neuroticismo e a abertura à experiência. As correlações encontradas entre o traço introversão e a SPS evidenciam ser moderadas em seis estudos quantitativos de Aron e Aron (1997). Neste sentido, e embora o traço de personalidade introversão seja muito semelhante com a SPS, pesquisas qualitativas de Aron e Aron (1997) mostraram que nem todos os indivíduos com SPS demonstram um perfil socialmente introvertido. Um estudo elaborado por Smolewska et al. (2006) demonstrou que o LSB e especialmente a FE se encontram significativamente associados ao traço neuroticismo. Denote-se ainda que uma associação moderada entre SE e abertura à experiência foi encontrada, bem como uma única correlação significativa com o traço extroversão, no qual se evidenciou uma fraca e negativa ligação com o LSB (Grimen & Diseth, 2016).

A razão pela qual indivíduos altamente SPS agem de forma introvertida parece estar associada ao facto das interações sociais serem geralmente uma fonte importante de estimulação (Aron & Aron, 1997). Neste sentido, o isolamento social é uma estratégia natural que pretende reduzir a intensidade do estímulo para a pessoa altamente SPS. A SPS e o neuroticismo parecem ter pontos em comum, nos quais associada a esta ligação podem estar fatores como indivíduos altamente sensíveis e receosos tenderem a responder aos estímulos de forma mais cautelosa, nomeadamente, o neuroticismo é descrito como as diferenças individuais na tendência de experimentar sofrimento, emoções negativas e comportamentos agressivos. Os fatores da SPS, de FE e LSB foram relacionados à ansiedade, depressão, sintomas de autismo e alexitimia, sendo esta a incapacidade subclínica de identificar e descrever emoções em si mesmo (Grimen & Diseth, 2016).

Através da HSPS observou-se ainda que os indivíduos com alta SPS parecem ser mais sensíveis à dor, a medicação, cafeína e ainda uma maior prevalência de problemas somáticos, tais como

Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e variáveis Psicossociais: Agressão e Ansiedade

enxaquecas, dor crônica, fadiga crônica, bem como problemas psicológicos, nomeadamente ansiedade, depressão e fobia social (Jonsson, Grim, & Kjellgren, 2014).

Com o intuito de aprofundar o conhecimento desta dimensão (ASPS), foi realizada uma investigação a outras espécies, sendo que os cães foram uma das principais espécies dos modelos da pesquisa da personalidade. As dimensões da personalidade mais estudadas em animais foram a exploração, a ousadia-timidez, a capacidade de resposta às mudanças no ambiente, o medo e a agressão (Braem et al., 2017).

Embora Aron e Aron considerassem a ASPS unidimensional, outras pesquisas sugerem medir múltiplos construtos. Por exemplo, Evans e Rothbart (2008) desenvolveram um conceito teórico da escala de dois fatores, o Afeto Negativo (afeto negativo resultante de estimulação sensorial, AN) e a Sensibilidade Orientada (processamento seletivo de episódios sensoriais internos e externos, SO) (Konrad & Herzberg, 2017). Smolewska, McCabe e Woody (2006) encontraram três construtos: Facilidade de Excitação (mentalmente sobrecarregado por estímulos internos ou externos, FE), Limiar Sensorial Baixo (excitação desagradável provocada por estímulos, LSB) e Sensibilidade Estética (consciência dos estímulos estéticos, SE) (Smolewska, McCabe, & Woody, 2006; Mullet, Rinn, Jett, & Nyikos, 2017). Liss et al. (2006) comparam a estrutura dos dois fatores com a estrutura dos três fatores e ambas as soluções apresentam um ajuste mais adequado, mas o modelo das três soluções parece encaixar-se significativamente melhor (Konrad & Herzberg, 2017).

1.2. Agressão

Agressão e violência são termos frequentemente mal interpretados ou considerados sinónimos, mas são expressões distintas, a agressão é qualquer comportamento dirigido a outro indivíduo com a intenção de prejudicar (Anderson & Bushman, 2002). A violência é um subtipo de agressão que visa causar danos extremos entre indivíduos de um tipo particular de espécie: seres humanos (Vieira, 2007; Castela, 2013; Cavalcanti & Pimentel, 2016; Hsieh & Chen, 2017; Myers & Twenge, 2017).

Neste sentido, muitos têm sido os trabalhos desenvolvidos com o objetivo de melhor explicar este conceito, enfatizando o papel da agressão física, da agressão verbal, da raiva e da hostilidade como substratos numa conceptualização global da agressividade. Diversos autores sustentam a ideia de que a agressão é um traço da personalidade que pode ter várias formas de expressão que, geralmente, procuram o dano de outrem, a sua destruição, coação ou humilhação. Por sua vez, a agressão é o comportamento que resulta em danos pessoais e destruição física, que envolve fatores de classificação social que caracterizam e rotulam um determinado comportamento como agressivo ou não (Reyna, Lello, Sanchez, & Brussino, 2011; Cunha & Gonçalves, 2012; Hsieh & Chen, 2017).

No que concerne à agressão verbal e física, estas representam a componente instrumental ou motora do comportamento. Por outro lado, a raiva envolve excitação fisiológica, bem como a passagem para a agressão, que caracteriza a componente emocional ou afetiva do comportamento em si. A hostilidade, por fim, focaliza-se em sentimentos de má vontade ou injustiça e representa a componente cognitiva do comportamento. Operacionalizando, esta perspectiva caracteriza a agressividade como um constructo tripartido: instrumental, afetivo e cognitivo (Robertson, Daffern, & Bucks, 2012; Reyna, Lello, Sanchez, & Brussino, 2011; Cunha & Gonçalves, 2012; Castela, 2013).

O comportamento agressivo caracteriza-se como qualquer comportamento destinado a ferir outra pessoa e está associado a múltiplos fatores, tanto individuais como sociais. Independentemente da cultura ou da localização geográfica, várias manifestações de agressão e formas de comportamento agressivo podem ser descobertas entre grupos de indivíduos. O comportamento agressivo é definido como qualquer comportamento destinado a prejudicar ou ferir outro organismo e esse comportamento comum, ainda que destrutivo, pode ser a causa de perdas financeiras, sofrimento emocional, lesões físicas ou mesmo morte, sem mencionar outros custos sociais e interpessoais mais indiretos para indivíduos e grupos sociais associados às vítimas (Hsieh & Chen, 2017; Myers & Twenge, 2017).

Contextualizando, o termo agressão é tipicamente definido como um comportamento direcionado a outro indivíduo, onde a intenção imediata é causar danos (Anderson & Bushman, 2002). Embora historicamente a agressão tenha sido dicotomizada naquilo que é impulsivo reativo impulsionado pela raiva (hostil) ou por algo premeditado, dirigido com um objetivo final (tipicamente tangível) que não seja dano (instrumental), argumentou-se que a dicotomia torna-se desnecessária e pode até inibir o progresso em pesquisas relacionadas à agressão (Robertson, Daffern, & Bucks, 2012).

Outros autores defendem que a agressão é um traço da personalidade associado ao comportamento antissocial. Anderson e Bushman (2002) ofereceram um quadro explicativo integrativo para a agressão, no qual variáveis cognitivas, emocionais e pessoais interagem com fatores situacionais e ambientais.

Um dos instrumentos mais utilizados para o estudo da agressão é o Questionário de Agressão construído por Buss e Perry (1992). Os seus dois primeiros fatores (agressão verbal e física) representam o componente instrumental, já a raiva implica uma ativação fisiológica e representa o componente emocional, enquanto a hostilidade envolve sentimentos de oposição e injustiça, representando assim o componente cognitivo. Aparentemente, a raiva atua como uma ponte psicológica conectando componentes instrumentais e cognitivos.

No estudo original, os participantes do sexo masculino foram mais agressivos, considerando a escala completa, e também a dimensão física. Na mesma direção, diferenças menores, mas

Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e variáveis Psicossociais: Agressão e Ansiedade

significativas, foram observadas nas subescalas de agressão verbal e hostilidade. No entanto, homens e mulheres relataram níveis similares de raiva (Reyna, Lello, Sanchez, & Brussino, 2011).

A compreensão e previsão de comportamentos agressivos tornou-se um farol para o estudo científico por parte dos investigadores. Neste sentido, pesquisas anteriores propuseram vários tipos de comportamento agressivo. As categorias mais utilizadas são agressão física, verbal e indireta. Como o nome de cada categoria indica, a agressão física envolve danos físicos aos outros, a agressão verbal inclui o uso da linguagem para prejudicar o outro, e a agressão indireta envolve manipulação social, como a exclusão social que acaba por prejudicar igualmente o outro. Outros tipos de agressão incluem agressão reativa e instrumental. A agressão reativa (às vezes também referida como agressão emocional) é uma resposta à provocação ou ameaça, enquanto a agressão instrumental (às vezes referida como agressão proativa) refere-se ao uso de agressão como meio para atingir um fim (Hsieh & Chen, 2017).

O estudo do comportamento agressivo tem sido abordado e orientado a partir de quadros conceptuais e perspectivas muito diversificadas e distintas entre si, que enfatizam diferentes aspetos, desde a influência do contexto social até posições estritamente biológicas. Esses conceitos são agrupados em três categorias explicativas gerais: 1) agressão associada à natureza humana - etologistas e psicanalistas que consideram a agressão um conceito instintivo que se caracteriza como sendo originada de impulsos internos e inatos; 2) agressão como uma resposta natural à frustração, como o conceito originalmente proposto por John Dollard e revisões posteriores; e, por fim 3) agressão a partir da aprendizagem instrumental e observacional (Ribeiro & Sani, 2009; Cavalcanti & Pimentel, 2016). Operacionalizando, existem três grandes teorias conceptuais diferentes, umas situadas no ambiente, outras no sujeito e outras, ainda, na interação entre ambas (Ribeiro & Sani, 2009).

Na década de 1990, alguns teóricos procuraram desenvolver um arcabouço teórico que integrasse as teorias existentes da agressão como um todo unificado (Cavalcanti & Pimentel, 2016).

Seguidamente, e na sequência da informação supramencionada, algumas das perspectivas teóricas mais relevantes serão destacadas e agrupadas segundo a interpretação que adotam no que concerne ao agente causador. Estas posições teóricas objetivaram a compreensão das causas prováveis da agressividade, para permitirem explicar, prever e, potencialmente, modificar o comportamento agressivo.

Teorias Biológicas e Inatistas

Defendem que qualquer obstáculo a um comportamento focalizado num determinado objetivo resultaria em frustração, que conseqüentemente despoletou uma reação reativa e agressiva.

Mais tarde, esta hipótese foi reestruturada por Berkowitz (referido por Ribeiro & Saani, 2009) na qual duas novas condições foram adicionadas para que a frustração predispuesse um comportamento agressivo: a oportunidade para a ação agressiva e a presença de estímulos apropriados, como a ira, por exemplo (Ribeiro & Sani, 2009; Myers & Twenge, 2017).

Teorias Psicossociais

Estas teorias defendem substancialmente que o contexto social e ambiental delimitam muitas das condutas violentas, no que concerne à psicologia social, são inúmeras as teorias e modelos que procuram descrever e compreender condutas violentas em geral, que por sua vez podem ser úteis para explicar as condutas violentas que se produzem em vários contextos (Ribeiro & Sani, 2009).

Teoria da Aprendizagem Social

Segundo Bandura (1977) a posição da aprendizagem social, no que concerne à agressividade, enfatiza que um padrão de resposta é aprendido através de reforço e de modelagem, ou seja, o observador aprende qual o nível de sucesso atingido por determinado modelo de agressividade e se o comportamento desse modelo de agressividade é punido ou recompensado. Desta forma, sustentado pela observação do processo, o observador fica a conhecer, não só o ato agressivo em si, bem como as possíveis consequências desse ato (elogio ou punição) (Vieira, 2007; Ribeiro & Sani, 2009; Myers & Twenge, 2017).

Teoria da Neoassociação Cognitiva

Berkowitz (1993) postulou que situações aversivas como frustrações, provocações, ruídos, temperaturas desconfortáveis e odores desagradáveis produzem afetos negativos. Neste sentido, estes estimulam automaticamente vários pensamentos, memórias, reações motoras expressivas e respostas fisiológicas diretamente relacionadas com tendências de luta e fuga. As associações de luta fomentam sentimentos de raiva, já as associações de fuga potenciam sentimentos rudimentares de medo. A teoria do cognitivismo neoassociacionista assume ainda que ao acontecimento aversivo pistas vão-se codificando, associadas ao acontecimento e às respostas emocionais e cognitivas por ele despoletadas (Ribeiro & Sani, 2009; Myers & Twenge, 2017).

Bushman e Anderson (2001) enfatizam que os processos cognitivos associados ao acontecimento agressivo se encontram presentes na forma de mecanismos semelhantes, tanto na agressão reativa como na agressão instrumental, embora com diferentes objetivos, idealizando que uma distinção deve ser restabelecida no que concerne à relação entre os objetivos imediatos e finais do comportamento (Ribeiro & Sani, 2009).

Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e variáveis Psicossociais: Agressão e Ansiedade

Teoria do Processamento da Informação Social

Esta teoria, segundo a abordagem de Dodge e colegas, propõe que a agressividade está associada a défices de processamento. Neste sentido, idealmente parece existir a atribuição de uma intencionalidade negativa ao outro, tanto em resultado de erros de perceção como de insuficiências na perceção dos estímulos, que desencadeia ou pode despoletar uma resposta agressiva, bem como uma resposta hostil de contra-ataque. Ainda a previsão de possíveis ganhos ou obtenção de algum objetivo social e/ou material pode fomentar a manifestação de comportamentos agressivos (Ribeiro & Sani, 2009).

Considerando esta primeira abordagem, estritamente focalizada nas perceções e atribuições do indivíduo, mais tarde, Huesmann propôs uma abordagem mais detalhada no que concerne à especificidade do processamento da informação social (Anderson & Bushman, 2002). Huesmann (referido por Anderson & Bushman, 2002) propôs que a exposição das crianças a situações violentas ou de violência nos *media* faz com que estas aprendam *scripts* mentais agressivos. Isto é, os *scripts* mentais caracterizam-se por situações que efetivamente orientam comportamentos segundo uma sequência, primeiro o indivíduo seleciona o *script* para representar a situação, para seguidamente assumir um papel nesse *script*. Uma vez aprendido o *script*, este pode ser recuperado em qualquer momento, acabando por ser utilizado como indicador para o comportamento (Ribeiro & Sani, 2009; Myers & Twenge, 2017).

Esta nomenclatura caracteriza-se pela memorização de conceitos específicos, bem ensaiados e associados a uma situação específica, que, por norma detém uma ligação causal, objetivos específicos e um plano de ação (Anderson & Bushman, 2002). Neste sentido, quando uma conexão forte é gerada um *script* acaba por se produzir, tornando-se um conceito unitário na memória semântica. Denote-se ainda que estas cognições se desenvolvem e fortalecem ao longo da infância e, uma vez cristalizadas, tornam-se mais resistentes à mudança (Myers & Twenge, 2017).

O modelo unificado de Huesmann considera que o processamento de informação social é composto por fases diferenciadas: 1) dá-se a perceção de hostilidade aquando de situações ambíguas; 2) seguidamente, ocorre a aquisição, permanência e recuperação de *scripts* previamente adquiridos, bem como esquemas mentais para o comportamento social; 3) há uma seleção do *script* com base numa avaliação prévia, que após ativado, poderá ser ou não utilizado, caso seja avaliado negativamente; e, por fim 4) é elaborada uma interpretação das respostas oferecidas pelo ambiente às ações do indivíduo, que influenciará a permanência do *script*, visto que nem sempre o sujeito irá atribuir, por exemplo, uma resposta negativa da sociedade diretamente ao ato agressivo que cometeu (Ribeiro & Sani, 2009).

Teoria do Interacionismo Social

A perspectiva do interacionismo social consideram que o essencial é compreender o porquê de um determinado comportamento ou resposta agressiva, denominado como ação coerciva pelos autores Tedeschi e Felson (1994), perante uma situação, neste sentido esta perspectiva considera que o indivíduo analisa meios alternativos para chegar a um de três objetivos: 1) para poder controlar o comportamento da outra pessoa, 2) para repor a justiça ou, ainda, 3) para assegurar e proteger identidades específicas. Em qualquer uma das hipóteses previamente descritas na procura destes objetivos, o indivíduo tem as suas escolhas direcionadas pelas recompensas, custos e probabilidades de resultados esperados (Ribeiro & Sani, 2009).

Nesta perspectiva é dada relevância à exploração da “intenção”, uma vez que esta é muitas vezes utilizada para explicar o comportamento agressivo. Desta forma, e segundo esta abordagem, intenção é definida no contexto de tomada de decisão, isto é, está associada ao valor da ação escolhida, na qual há um objetivo delimitado (ou resultado imediato) conotado de submissão; relacionado com outro objetivo final, denominado de motivo. Assim, a agressão reativa pode ter um objetivo racional subjacente, por exemplo punir o provocador com a intenção de diminuir o surgimento de novas provocações (Ribeiro & Sani, 2009).

Modelo Geral da Agressão - Baseado em Estruturas do Conhecimento

O estudo do comportamento agressivo tem aumentado nos últimos anos e tem despertado o interesse de muitos campos, principalmente quanto à sua natureza. O Modelo Geral de Agressão (MGA) descreve a personalidade como uma variável-chave para a compreensão de fatores pessoais que influenciam o comportamento agressivo. Este processo parece ocorrer pelo impacto da personalidade nas emoções e pensamentos agressivos (Cavalcanti & Pimentel, 2016). O MGA, proposto por Anderson e Bushman (2002), é o resultado de esforços para integrar teorias de agressão existentes, como a Teoria do Aprendizado Social de Bandura (1977); Teoria da Neoassociação Cognitiva de Berkowitz (1993) e a Teoria do Interacionismo Social de Tedeschi e Felson (1994). Deste modo, o MGA caracteriza-se como sendo o modelo mais parcimonioso que explica o fenómeno e oferece formas de reduzir o comportamento agressivo (Robertson, Daffern, & Bucks, 2012; Cavalcanti & Pimentel, 2016; Myers & Twenge, 2017).

Este modelo propõe que o comportamento agressivo se baseia nas três seguintes estruturas de conhecimento: esquemas perceptuais, que são usados para identificar fenómenos tão simples quanto objetos físicos cotidianos ou tão complexos quanto eventos sociais, por exemplo, um insulto social; esquemas pessoais, que incluem crenças sobre uma determinada pessoa ou grupos de pessoas; e *scripts* comportamentais, que contêm informações sobre como as pessoas se comportam em diversas circunstâncias. Estes três construtos são enfatizados na medida em que vão sendo utilizados e tendem a tornar-se automatizados, mantendo-se associados a estados afetivos e orientando a resposta comportamental do sujeito face às solicitações

Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e variáveis Psicossociais: Agressão e Ansiedade

ambientais (Ribeiro & Sani, 2009; Myers & Twenge, 2017). Estas estruturas são desenvolvidas a partir das experiências dos indivíduos que influenciam as suas perceções a múltiplos níveis, desde padrões visuais básicos até sequências comportamentais complexas. Estas perceções tendem a ser automatizados, uma vez que permanecem associados a estados afetivos que guiam as interpretações feitas pelo indivíduo, bem como as suas respostas comportamentais ao ambiente (Ribeiro & Sani, 2009; Cavalcanti & Pimentel, 2016).

Como supracitado, Anderson e Bushman (2002) relatam que o modelo focaliza a pessoa na situação, chamando-lhe de episódio, neste sentido, o foco central deste modelo é: 1) *inputs* referentes ao indivíduo, incluindo: traços, crenças, género, atitudes, valores, entre outros; e ao conteúdo da situação, fatores situacionais incluindo *media*, frustração, drogas, provocação, entre outros; 2) vias cognitivas, afetivas e de excitação do estado interno atual; e 3) resultados provenientes do processo de avaliação (imediate ou automática, secundária ou controlada) e processo de decisão (Robertson, Daffern, & Bucks, 2012; Cavalcanti & Pimentel, 2016). Este modelo assume um carácter cíclico evidente no facto dos resultados do processo de decisão servirem como *inputs* a novos episódios (Ribeiro & Sani, 2009).

Operacionalizando, e segundo a apresentação das teorias supramencionadas, torna-se evidente a complexidade e dificuldade em prever quais as principais características e fatores que determinam a agressão e o comportamento agressivo, uma vez que têm raízes no processo distorcido da educação da criança desde uma tenra idade (os primeiros anos de vida, 2 ou 3 anos), até à pré-adolescência (12-13 anos), não esquecendo o tipo de supervisão e de elos com os diferentes subsistemas envolventes na vida do indivíduo: a família, o grupo de pares e escola, bem como possíveis fontes de tensão social inerentes a um contexto mais amplo que envolve as instituições e a forma de organização macroestrutural (Pinto, 2015).

Pesquisas mais recentes neste campo de investigação enfatizam que a regulação efetiva das emoções é vital para a saúde mental e que as dificuldades na regulação emocional estão associadas a uma série de comportamentos problemáticos e transtornos mentais, incluindo o uso de substâncias psicoativas, ansiedade, perturbação da personalidade e perturbação de stress pós-traumático. Ainda existem evidências de que uma regulação mal adaptativa das emoções está associada a um comportamento agressivo. A maior parte dessa evidência vem de estudos que encontraram associações entre vários aspetos da raiva regulação/controlo e agressão. No entanto, uma gama mais limitada de pesquisas também encontrou uma associação entre comportamento agressivo e regulação mal adaptativa das emoções (Robertson, Daffern, & Bucks, 2012; Castela, 2013).

Numa pesquisa recente, Cohn et al. (referido por Robertson, Daffern, & Bucks, 2011) descobriram que a desregulação emocional (particularmente, baixa clareza emocional e consciência) estava associada à agressão, medida por choques elétricos administrados a um adversário numa investigação do tipo experimental. Sullivan et al. (referido por Robertson,

Daffern, & Bucks, 2011) descobriram que a dificuldade dos adolescentes em regular a raiva e a tristeza estavam associadas ao uso de agressão física e relacional (isto é, infligir danos ao prejudicar as relações da vítima com os outros), respetivamente. Os resultados desses estudos sugerem que há muito a ganhar com a exploração abrangente do papel da regulação emocional no comportamento agressivo.

Outros estudos, mostraram ainda, que a agressão física pode ser afetada por muitos fatores, como sexo, uso de álcool, exposição a meios violentos. Várias teorias foram desenvolvidas para integrar esses fatores e explicar a possível relação entre eles. A ligação entre emoções negativas e comportamentos agressivos tem sido extensivamente estudada. Emoções como raiva, medo e outros afetos geralmente negativos foram associados à agressão. Neste sentido, a capacidade de regular as emoções negativas pode ser um bom mediador na redução do comportamento agressivo. A regulação emocional é a capacidade de modular a experiência emocional e/ou as respostas. Segundo resultados encontrados, o controlo inibitório é um determinante na execução do comportamento agressivo. Parece que a regulação da emoção pode ser um ativador, particularmente para indivíduos com um controlo inibitório menor, no modelamento dos efeitos do controlo inibitório sobre a agressão (Hsieh & Chen, 2017).

Uma questão amplamente investigada em relação à agressão são as diferenças de género. Descobriu-se consistentemente que os homens são mais agressivos fisicamente do que as mulheres. No entanto, a evidência é menos clara noutras dimensões. Estudos relatam ainda diferenças de género no que concerne a agressões verbais, mostrando-se um padrão misto e efeitos de pequeno tamanho. Relativamente à raiva, as diferenças nem sempre foram observadas. Por fim, diferenças de género quanto à hostilidade raramente foram relatadas, com poucas e variadas diferenças (Reyna, Lello, Sanchez, & Brussino, 2011).

Assim, diversos são os fatores que parecem exercer influência sobre a agressão. Um deles será a exposição a experiências aversivas, que incluem não apenas a frustração, como também o desconforto, a dor e ataques pessoais, físicos e/ou verbais. Outro parece ser a alta sensibilidade aos estímulos provenientes do meio, mesmo exercício físico ou estimulação sexual, pode ser transformada em outras emoções, como a raiva.

A observação da violência gera um modesto aumento no comportamento agressivo, especialmente em pessoas que são provocadas, dessensibilizam o espectador à agressão e alteram a sua perceção da realidade. Estas descobertas são paralelas aos resultados da pesquisa sobre os efeitos da visualização da pornografia violenta, que pode aumentar a agressão dos homens contra as mulheres e distorcer as suas perceções sobre a resposta das mulheres à coerção sexual. Ainda a televisão permeia o cotidiano de milhões de pessoas e retrata uma violência considerável. Estudos correlacionais e experimentais convergem na conclusão de que a exposição à violência televisiva se correlaciona com o comportamento agressivo. Os videojogos violentos podem aumentar ainda mais o pensamento, os sentimentos e o

Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e variáveis Psicossociais: Agressão e Ansiedade

comportamento agressivos do que a televisão ou filmes, uma vez que a experiência envolve muito mais participação ativa do que os outros *media*. (Myers & Twenge, 2017).

Ainda assim e considerando um comentário preferido por Collani e Werner (2005), o constructo agressão assume-se como complexo e composto por diferentes facetas, pelo que limitá-lo a uma única dimensão poderia significar uma simplificação e generalização do mesmo. Neste sentido, os diferentes componentes da agressão devem ser considerados separadamente, e o instrumento desenvolvido por Buss e Perry (1992) parece ser aquele que, até ao momento, melhor consegue representar tal complexidade (Cunha & Gonçalves, 2012).

1.3. Ansiedade

Na verdade, a ansiedade é um termo que citado invade tanto um terreno do “normal” como do “patológico”, neste sentido, existe a ansiedade “normativa”, que se regula por um estado que resulta de uma reação normal a uma situação em específico, movendo-se como um sistema de alarme, já o que diferencia o estado normal do patológico é o modo e a intensidade com que se lida com a situação (Serra, 1980; Bauer, 2002; APA, 2013).

De um modo geral, o paciente ansioso é fácil de detetar, uma vez que este aparenta ansiedade em excesso, isto é, uma reação emocional desagradável desencadeada por um estímulo externo ou interno, que aos olhos do paciente é sentido como ameaçador e provoca sofrimento. Seguidamente, associado a este processo mudanças fisiológicas e comportamentais são bastante visíveis. Nesta linha de pensamento, a ansiedade pressupõe um leque variado de sintomas somáticos (e.g., tremores, hipotonia muscular, hiperventilação, sudorese, palpitações) e sintomas cognitivos (apreensão, inquietação, distratibilidade, perda de concentração, insónias) (Serra, 1980; Almeida, 2014).

A ansiedade é, assim, uma resposta delimitada no tempo e considerada normativa e esperada perante situações de maior tensão e confrontação, que pode ser considerada um estímulo necessário à adaptação e importante para posteriormente enfrentar novas situações inesperadas. Neste sentido, ansiedade moderada e situacional por norma, e como o desenvolvimento da situação de tensão, tende a desaparecer com a adaptação à situação. Há ainda uma distinção importante entre ansiedade exógena e ansiedade endógena: a ansiedade exógena surge como consequência de conflitos externos, pessoais ou psicossociais, associados à ansiedade generalizada, podendo ser explicada como um estado de inquietação e tensão sem a presença de um objeto específico que hipoteticamente poderá conduzir a queixas somáticas como dores de estômago ou cefaleias sem qualquer etiologia física que a justifique. Por seu turno, a ansiedade endógena, com particularidades relativamente independentes dos estímulos ambientais, surge em indivíduos com vulnerabilidades genéticas e/ou antecedentes familiares, que parecem conduzir a crises de angústia, pânico e quadros fóbicos (Almeida, 2014).

Gradualmente, e com o avançar dos estudos acerca da temática, foi-se tornando cada vez mais notória a necessidade de diferenciar a ansiedade do medo, uma vez que o medo caracteriza-se como uma reação de defesa perante um objeto presente, isto é, o perigo ou ameaça é real e, geralmente, de origem não conflituosa, na qual o medo é visto como um mecanismo de defesa que tem uma sequência lógica e adaptativa quando a pessoa está exposta a situações desconhecidas (Brandtner & Bardagi, 2009; Costa, 2018), ao passo que a ansiedade patológica, surge quando acompanhada de uma resposta ou reação desajustada a um estímulo, fomentando uma sensação constante de que algo perigoso está na eminência de acontecer, tornando-se algo vago e incerto, que potencia sofrimento e influencia negativamente o funcionamento normativo do indivíduo, interferindo na autoestima, na interação com os outros, na aquisição de conhecimentos e na memória, entre outros (Serra, 1980; Almeida, 2014; Costa, 2018).

Operacionalizando, a perturbação de ansiedade (PA) pressupõe um processo interno de medo e ansiedade excessivos que fomentam alterações comportamentais, emocionais e cognitivas, como a apreensão e preocupação exacerbadas, sobre a possibilidade da ocorrência de resultados negativos (Costa, 2018). Por outro lado, a reação perante o sentimento não é assim tão linear, uma vez que uns tendem a superestimar o nível e a probabilidade do perigo de uma determinada situação, já outros tendem a substituir a sua capacidade de enfrentamento dessa situação, o que potencia o surgimento de sintomas fisiológicos (Almeida, 2014).

A ansiedade pode ser ainda distinguida entre dois construtos: estado e traço. Nesta linha, a ansiedade estado é idealmente associada a situações provisórias que despoletam sentimentos desagradáveis, de tensão e pensamentos apreensivos, que enfatiza uma reação episódica ou situacional, isto é, um estado emocional passageiro que pressupõe um corte transversal e temporal na vida do indivíduo, provocando constantes sentimentos subjetivos como tensão, apreensão, nervosismo e preocupação, que poderá cristalizar-se como uma característica da personalidade estável. A ansiedade traço caracteriza-se por ser um constructo estável e permanente, o que manifesta uma tendência para a manifestação da ansiedade, que permite ao indivíduo avaliar a sensação de perigo. (Silva, 2006; Almeida, 2014).

Inúmeros têm sido os modelos teóricos que visam explicar de que forma as perturbações de ansiedade se desenvolvem e se mantêm ao longo do tempo. O modelo de Barlow (2000) denominado de modelo da tripla vulnerabilidade, considera dois construtos como fulcrais no desenvolvimento da perturbação e ansiedade: fatores internos e externos ao indivíduo, nomeadamente os fatores biopsicossociais. Neste sentido, e segundo este autor existem três tipos de vulnerabilidade que se relacionam entre si: a contribuição genética e o temperamento da criança (origem biológica); acontecimentos de vida precoces, bem como o tipo de locus de controlo utilizado (interno ou externo) perante um acontecimento (origem psicológica generalizada); e psicológica específica e as aprendizagens prévias do indivíduo perante diferentes situações e acontecimentos significativos que provocaram sensações somáticas

Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e variáveis Psicossociais: Agressão e Ansiedade

associadas a uma eventual ameaça ou perigo (origem psicológica específica). Aleada a estes fatores, uma percepção de controlo baixa relativamente a novos acontecimentos poderá contribuir para o desenvolvimento de crenças distorcidas no indivíduo em relação a si mesmo (Costa, 2018).

Já a teoria de Rachman (1977, 1991) foca-se no modo como o medo pode ser aprendido, tendo em conta três mecanismos: através da associação entre um estímulo aversivo e uma situação neutra de forma repetida, pode levar a criança a apreender esse medo (condicionamento direto); através da aprendizagem vicariante, isto é, o indivíduo apreende a lidar de forma desajustada com situações das quais receia através da observação do comportamento dos outros (e.g., pessoas mais significativas); e, por fim, através da aquisição de verbalizações enviesadas da informação, ou seja, o medo desenvolve-se pela transmissão verbal de informação sobre o estímulo de forma enviesada, através de histórias, notícias, relatos de acontecimentos, entre outros (Almeida, 2014).

Por fim, a teoria de Rapee (2001) enfatiza a importância de relações mais precoces no desenvolvimento da PA: relação pais-filhos. Uma vez que o tipo de temperamento da criança irá, conseqüentemente, influenciar o modo como os seus pais tendem a lidar com ela, influenciando o seu comportamento, práticas e estilos parentais. Aquando de uma criança ansiosa, é muito comum o surgimento de superproteção, controlo, comportamento restritivo, desencorajamento da autonomia, o que poderá fomentar e cristalizar o surgimento e/ou permanência da ansiedade infantil e ao longo do seu desenvolvimento (Rapee, 2001).

Destaque-se que alguns fatores são importantes preditores para o aparecimento de PA, nomeadamente: o temperamento, transmissão genética, fatores ambientais, relações com os pares e fatores stressantes não-específicos (Serra, 1980; Rapee, 2001).

A PA pode ser diagnosticada tanto em adultos como em crianças, contudo grande parte dos estudos elaborados enfatizam uma maior prevalência em faixas etárias mais adultas. É no género feminino, comparativamente ao género masculino, onde parecem surgir mais casos de PA, bem como os níveis de ansiedade parecem ser mais elevados no género feminino (Serra, 1980; Rapee, 2001; Bandelow & Michaelis, 2015; Costa, 2018). Neste sentido a PA no género feminino irá ter uma maior probabilidade de se desenvolver na expressão de fobias, agorafobia, perturbação de pânico, perturbação de ansiedade generalizada e perturbação de stress pós-trauma, comparativamente com os rapazes (Maeng & Milad, 2015; Costa, 2018).

1.4. Questão, Objetivos e Hipóteses de Investigação

Com base na revisão bibliográfica foram identificadas algumas associações interessantes entre a SPS e o surgimento de algumas psicopatologias, nomeadamente ansiedade, depressão e fobia social (Jonsson, Grim, & Kjellgren, 2014; Grimen & Diseth, 2016). Ainda nesta linha, pesquisas mais recentes evidenciaram que a agressão e uma regulação emocional menos adaptativa estão

associadas a uma série de comportamentos problemáticos e perturbações mentais, incluindo o uso de substâncias psicoativas, ansiedade, perturbação da personalidade e perturbação de stress pós-traumático (Robertson, Daffern & Bucks, 2012).

Contudo, esta é uma linha de investigação bastante recente e com suporte teórico ainda pouco visível, e, por ser um tema com potencial, torna-se pertinente uma exploração mais aprofundada destas variáveis e possível associação entre elas, para melhor explicar e compreender qual a linha que delimita aquilo que é o “normativo” do patológico.

Após a apresentação do tema e justificação da pertinência do estudo no âmbito do trabalho em causa, formulou-se a questão de investigação que, segundo (Quivy & Campenhoudt, 2017), “constitui uma etapa-charneira da investigação, entre a rutura e a construção”, “é a abordagem ou a perspetiva teórica que decidimos adotar”.

Neste sentido, a questão de investigação (QI) que se levanta é a seguinte: **Em que medida indivíduos altamente sensíveis têm níveis mais elevados de agressividade e ansiedade comparativamente ao menos sensíveis?;** e visa atingir o objetivo geral (OG) da investigação: **Avaliar os níveis de alta sensibilidade de processamento sensorial e a sua associação com a agressividade e a ansiedade.**

Desta premissa geral, há que identificar os indicadores particulares que possibilitem a determinação de objetivos específicos de investigação (OEI). Estes objetivos específicos possuem um carácter mais concreto e permitem aplicar ao estudo a situações particulares (Marconi & Lakatos, 2016). Assim, elencam-se os objetivos específicos da investigação: **identificar uma possível relação entre a alta sensibilidade de processamento sensorial e duas dimensões do questionário sociodemográfico, nomeadamente o género e a idade.**

Nesta linha, e como forma de alcançar o objetivo geral e específicos, formularam-se hipóteses (H). As hipóteses são “proposições conjeturais ou suposições que constituem respostas possíveis às questões de investigação” (Sarmiento, 2013), como tal, formularam-se as seguintes hipóteses de investigação (HI):

H1: Existe uma associação positiva entre SPS e Ansiedade.

H2: Existe uma associação positiva entre SPS e Agressão.

H3: Considerando os 4 fatores do Questionário da Agressão, existe uma associação positiva com a SPS, sendo que a dimensão hostilidade é a dimensão que apresenta uma maior associação com a SPS.

Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e variáveis Psicossociais: Agressão e Ansiedade

H4: Considerando a variável SPS, existem diferenças entre os participantes relativamente aos níveis de ansiedade e agressão, sendo que participantes com SPS alta apresentam níveis superiores em ambas as variáveis (ansiedade e agressão).

H5: Considerando a variável género, existem diferenças estatisticamente significativas entre os participantes relativamente ao nível de SPS, sendo que as participantes do sexo feminino apresentam níveis de SPS mais elevados.

H6: Considerando a variável idade, não existem diferenças estatisticamente significativas entre os participantes relativamente ao nível de SPS.

Capítulo II: Metodologia de Investigação

Ao longo do capítulo II, e com o objetivo de coordenar e orientar o estudo, será feita uma apresentação detalhada do trabalho empírico, que contemplará os seguintes subcapítulos: natureza do estudo; participantes; instrumentos utilizados; e, por fim, procedimentos adotados.

2.1. Natureza do Estudo

A escolha e planificação da metodologia para o estudo, tanto na recolha de dados como na sua análise, torna-se fundamental para chegar aos objetivos anteriormente delineados. Neste sentido, o presente estudo apresenta uma natureza **quantitativa** uma vez que permite a análise, classificação e comparação das informações recolhidas transformadas em variáveis objetivas, através de testes e métodos estatísticos (Aragão, 2011).

Apresenta um **design correlacional** uma vez que o principal objetivo é avaliar a relação, associação ou correlação entre as variáveis em questão (através dos testes de associação), nomeadamente, entre a alta sensibilidade de processamento sensorial e as variáveis agressão e ansiedade. Este **design** permite verificar a existência de relações estatisticamente significativas entre as variáveis selecionadas num conjunto de dados (Martins, 2011). Apresenta ainda um **design inter-sujeitos**, no sentido em que pretende comparar grupos independentes (através de testes de diferenças) (Martins, 2011), no caso em particular, ao nível das variáveis sociodemográficas selecionadas, nomeadamente o género e a idade.

Por fim, caracteriza-se como um estudo **transversal** na medida em que pretende descrever a situação de uma população num determinado momento, permitindo a análise de associações entre variáveis (Aragão, 2011).

2.2. Participantes

Participaram neste estudo 969 indivíduos, dos quais 325 são homens (33.5%) e 644 são mulheres (66.5%), com idades compreendidas entre os 18 e os 65 anos de idade ($M= 29.02$; $DP=11.56$). Relativamente ao estado marital, a maioria dos indivíduos, nomeadamente 431 (44.5%), referem ser solteiros, 190 (19.6%) casados e 275 (28.4%) ter um namoro/compromisso afetivo. Quanto ao local de residência, 447 (46.6%) referem ser de uma pequena cidade, 239 (24.9%) de uma grande cidade e 176 (18.3%) vivem num meio rural pequeno. Em relação à caracterização da escolaridade dos participantes, a maioria dos participantes possui uma formação universitária (Licenciatura/Bacharelato), nomeadamente 465 (48.0%) e 307 (31.7%) têm o 12º ano de escolaridade. No que diz respeito à situação profissional, 432 (44.8%) são estudantes e

370 (38.3%) trabalham por conta de outrem. Relativamente ao nível socioeconómico a maior parte dos sujeitos 542 (56.2%) pertencem ao nível médio e 268 (27.8%) a um nível socioeconómico baixo-médio. Por último, no que concerne à orientação sexual, a grande parte dos indivíduos são heterossexuais, 840 (87.0%), 66 (6.8%) são homossexuais e 55 (5.7%) bissexuais (cf. tabela 1).

Tabela 1

Caracterização sociodemográfica da amostra

		N	%	Média	Desvio-padrão
Idade	18-33	699	72.1	29.02	11.56
	34-49	179	18.5		
	50-65	91	9.4		
Género	Masculino	325	33.5		
	Feminino	644	66.5		
Estado marital	Casado/a	190	19.6		
	Solteiro/a	431	44.5		
	Divorciado/a ou Separado/a	30	3.1		
	Viúvo/a	2	.2		
	Unido/a de facto	41	4.2		
	Tem um namoro/compromisso afetivo	275	28.4		
Escolaridade	Até 9 anos de escolaridade	51	5.3		
	Até 12 anos de escolaridade	307	31.7		
	Formação universitária (Licenciatura/ Bacharelato)	465	48.0		
	Formação universitária (Mestrado/Doutoramento)	145	15.0		
Situação Profissional	Desempregado/a	60	6.2		
Profissional	Estudante	432	44.8		
	Trabalhador/a-estudante	47	4.9		
	Trabalhador/a por conta de outrem	370	38.3		
	Trabalhador/a por conta própria	46	4.8		
	Reformado/a	10	1.0		
Estatuto Socioeconómico	Baixo	71	7.4		
Socioeconómico	Baixo-médio	268	27.8		
	Médio	542	56.2		
	Médio-Alto	76	7.9		
	Alto	8	.8		
Residência	Uma pequena cidade	447	46.6		
	Uma grande cidade	239	24.9		
	Um pequeno meio rural	176	18.3		

Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e variáveis Psicossociais: Agressão e Ansiedade

	Um grande meio rural	98	10.2
Orientação Sexual	Heterossexual	840	87.0
	Bissexual	55	5.7
	Homossexual	66	6.8
	Assexual	4	0.4

Relativamente aos critérios de inclusão, era obrigatório que os inquiridos tivessem mais de 18 anos e que soubessem falar e ler português. Foram assim excluídos do estudo sujeitos com idade inferior a 18 anos, bem como todos os sujeitos com mais de 65 anos, uma vez que estes indivíduos não são considerados relevantes para o estudo em questão.

2.3. Instrumentos

O protocolo de investigação, submetido *online*, foi dividido em duas partes principais, inicialmente foi apresentado um questionário sociodemográfico, que procurou caracterizar a amostra em estudo, sendo solicitadas informações aos inquiridos sobre a idade, género, estado marital, local de residência, nível de escolaridade, situação profissional, estatuto socioeconómico e orientação sexual, sendo sempre assegurado aos participantes o seu anonimato (cf. anexo 2 e 3). Posteriormente, foi apresentada uma segunda parte do questionário, composta por inúmeras escalas, a *Escala da Alta Sensibilidade do Processamento Sensorial e variáveis Psicossociais*, nomeadamente referentes à saúde mental, *mindfulness* ou consciência plena, funcionamento sexual, agressividade, expectativas face à longevidade, perdão traço e o compromisso laboral.

Neste sentido, e para a realização deste projeto, torna-se pertinente realçar o uso de três instrumentos, nomeadamente o questionário que remete para a temática alta sensibilidade, a *Highly Sensitive Person Scale* (HSPS) de Aron (2001), adaptada para a versão portuguesa por Pereira et al. (em preparação), bem como o questionário da Agressividade, *Aggression Questionnaire* (AQ), elaborado por Buss e Perry (1992), adaptado por Simões (1993) e mais tarde por Cunha e Gonçalves (2012), por fim, um questionário que remete para a saúde mental, *Brief Symptoms Inventory* (BSI) elaborado por Derogatis (1997) e adaptado por Canavarro (2001), no qual, apenas os itens que remetem para o fator ansiedade serão utilizados, sendo o mais pertinente para o estudo em questão.

Através da revisão da literatura foi possível observar que são escassos os estudos que relacionem a alta sensibilidade de processamento sensorial com a agressão e a ansiedade, tornando-se assim um estudo pioneiro nesta área.

2.3.1. *Highly Sensitive Person Scale* (Aron, 2001; Pereira et al., em preparação)

A HSPS é composta por 27 itens, composta por escala de opção do tipo *Likert*, na qual a possibilidade das respostas dadas pode variar entre 1 “Nada” e 7 “Completamente” (Konrad & Herzberg, 2017). A escala procura medir um conceito unidimensional da alta sensibilidade

sensorial, bem como a capacidade de ativação associada, que é parcialmente independente da introversão e da emotividade.

Este questionário foi validado para a versão portuguesa por Pereira et al. (em preparação) e inclui questões como: “Sente-se facilmente sobrecarregado/a por estímulos sensoriais fortes?”, “O estado de humor das outras pessoas afetam-no/a?”, “Tem tendência para ser mais sensível à dor?”, “Sente-se desconfortável com o barulho?”, “Tem uma vida interior rica e complexa?”, “É consciencioso?”, “Assusta-se facilmente?”, “Fica abalado/a quando tem muito para fazer num curto espaço de tempo?”, “Fica desagradavelmente excitado/a quando está muita coisa a acontecer à sua volta?”, entre outras.

Como forma de avaliar o grau de confiança no estudo, foi feita uma análise da consistência interna e confiabilidade da escala, neste sentido foi possível verificar que o alfa de *Cronbach* para o *Highly Sensitive Person Scale* foi de $\alpha=0.90$, traduzindo um nível de confiabilidade considerada muito boa (Pereira & Patrício, 2013).

2.3.2. *Aggression Questionnaire* (Buss & Perry, 1992; Simões, 1993; Cunha & Gonçalves, 2012) Tem como objetivo primordial avaliar a agressividade e é constituído por 29 itens ($\alpha =0.88$), sendo que estão divididos em quatro subescalas associadas a diferentes fatores, nomeadamente Agressão Física (AF) (itens de 1 a 9) ($\alpha =0.76$), Agressão Verbal (AV) (itens 10 a 14) ($\alpha =0.56$), Raiva (R) (itens 15 a 21) ($\alpha =0.79$) e Hostilidade (H) (itens 22 a 29) ($\alpha =0.76$) (Cunha & Gonçalves, 2012).

Operacionalizando, as subescalas AF e AV procuram representar a componente motora dos comportamentos que envolvem magoar o outro, e o principal objetivo é a tentativa de exercer poder sobre o outro, já a R evidencia a componente emocional do comportamento agressivo e, por fim, a H caracteriza-se por ser a componente cognitiva que consiste nos pensamentos maldosos e de injustiça (Ferriera , 2011).

Relativamente à cotação do instrumento, esta é feita a partir do somatório do resultado obtido em cada item, que varia de 1 a 5. Posto isto, a possibilidade de resposta é composta por uma escala do tipo *Likert*, na qual 1 corresponde a “Nunca ou quase nunca” e 5 “Sempre ou quase sempre”, tem em consideração que os itens 7 e 18, por se encontrarem na negativa são cotados de forma inversa (Buss & Perry, 1992; Cunha & Gonçalves, 2012).

Os valores apurados para o alfa de *Cronbach* do instrumento no presente estudo, de um modo geral foram considerados bons (Pereira & Patrício, 2013): Agressão Total (AT) ($\alpha =0.90$); AF (0.80); AV ($\alpha =0.73$); R ($\alpha =0.80$) e H ($\alpha =0.87$).

2.3.3. *Brief Symptoms Inventory* (Derogatis, 1997; Canavarro, 2001)

Este é um inventário de autorresposta, que pode ser administrado a população com doença do foro psiquiátrico e/ou psicológico, bem como a quais quer outros doentes ou indivíduos da

Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e variáveis Psicossociais: Agressão e Ansiedade

população em geral, que se encontre emocionalmente estável. O BSI procura então avaliar sintomas psicopatológicos através de nove dimensões de sintomatologia (somatização; obsessões-compulsões; sensibilidade interpessoal; depressão; ansiedade; hostilidade; ansiedade fóbica; ideação paranóide e psicoticismo) e três índices globais, sendo que, estes últimos, fazem uma avaliação somatória de perturbação emocional. O inventário é composto por 53 itens, nos quais a possibilidade de resposta é composta por uma escala do tipo *Likert*, que varia entre 0 “Nunca” e 4 “Muitíssimas Vezes”, neste sentido, para obter as pontuações para as nove dimensões psicopatológicas será necessário somar-se os valores (0-4) obtidos em cada item, para, seguidamente, se dividir pelo número de itens pertencentes à respetiva dimensão (Canavarro, 1999).

Tal como supracitado, apenas a dimensão ansiedade ($\alpha = 0.77$) foi considerada no estudo em questão, esta dimensão é composta pelos itens (1, 12, 19, 38, 45 e 49), que fornece indicadores gerais tais como nervosismo e tensão (Canavarro, 1999).

No presente estudo o valor apurado para o alfa de *Cronbach* da dimensão ansiedade, de um modo geral foi considerado boa ($\alpha = 0.86$) (Pereira & Patrício, 2013).

2.4. Procedimentos de Recolha de Dados

Para a realização do estudo, em primeiro lugar foi elaborada uma autorização para a Comissão de Ética da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade da Beira Interior (UBI), posteriormente aceite (cf. anexo 1). Após a sua aprovação foi elaborado um protocolo disseminado *online* através de um *link* difundido nas redes sociais e por *mailing list*. Saliente-se que quando enviado esse *link*, os principais objetivos da investigação eram enunciados, bem como a solicitação do consentimento informado em que os sujeitos colaboraram, de forma facultativa nas respostas às perguntas do inquérito, tendo-lhes sido garantido o anonimato e a confidencialidade dos resultados e da identidade. É importante evidenciar que foram dadas instruções de preenchimento no próprio questionário.

Note-se que as exigências éticas e deontológicas foram asseguradas ao longo de todo o processo de investigação, salvaguardando que todos os dados recolhidos foram utilizados exclusivamente para fins estatísticos.

Como critérios de inclusão foi delineado que os participantes não poderiam ter idade inferior a 18 anos nem superior a 65, bem como saber ler e escrever português. Após a revisão de todos os questionários foram validados 969 participantes. Do protocolo de recolha para o presente estudo foram tidos em conta os dados sociodemográficos, a HSPS e o AQ e o BSI.

A literatura sobre a recolha *online* de amostra demonstra que este tipo de pesquisa tem diversas vantagens, ao nível de poder aceder a grandes populações, à possibilidade de obter uma maior diversidade geográfica e em obter retornos rápidos (Lefever, Dal, & Matthíasdóttir, 2007). Para

além disso, é indicado pela literatura que os resultados obtidos através de colheitas de dados em papel e através da *Internet* são bastante semelhantes (Weigold, Weigold, & Russell, 2013).

2.5. Procedimento

Inicialmente, foi elaborada a recolha dos dados submetidos via *online*, para, seguidamente, serem introduzidos no programa estatístico *IBM® SPSS® Statistics* para realizar a base de dados e elaborar a análise estatística.

Posteriormente, e com base nos dados introduzidos no programa foi feita uma descrição e caracterização da amostra em estudo, através de uma análise descritiva dos dados em função da natureza das variáveis em estudo. Foi então realizado o cálculo das estatísticas descritivas de tendência central (média), de dispersão (desvio-padrão) e dos valores extremos (mínimo e máximo), foram, ainda, realizadas associações e diferenças em consonância com as hipóteses a serem testadas. Para a análise estatística das informações recolhidas foi estabelecido como nível de significância $p=.05$.

Segundo o tamanho da amostra ($n=969$) considerou-se pertinente o recurso a testes paramétricos, uma vez que, segundo o Teorema do Limite Central (TLC), elaborado por Hall, Neves & Pereira (2007), pressupõe que à medida que o N aumenta, maior a aproximação da normalidade. Este teorema determina que quando a amostra é grande, não é obrigatório verificar a sua distribuição. Para que a amostra seja considerada grande, é necessário que o N seja superior a 30, com posterior recurso ao pressuposto deste teorema (Ferreira, 2005).

Ainda ao longo do tratamento dos dados estatísticos foram usados Testes-T, bem como a ANOVA: o Teste-T para amostras independentes que procuram compreender se as médias da variável dependente nos dois grupos em comparação diferem significativamente uma da outra, por exemplo no género; e a ANOVA, uma vez que se pretende comparar três ou mais grupos independente ao nível de uma variável independente intervalar (teste que constitui uma extensão do Teste-T para amostras independentes, o qual nos permite comparar apenas 2 grupos independentes) (Martins, 2011) .

De modo a compreender uma possível associação entre a variável alta sensibilidade, agressão e ansiedade, foi utilizado o coeficiente da correlação de Pearson, que permite avaliar a direção (positiva ou negativa) e a magnitude (variando entre +1 e -1) dessa mesma associação (Martins, 2011).

Capítulo III: Resultados

No próximo capítulo serão expostos e descritos os principais resultados obtidos da análise estatística, inicialmente será apresentada uma análise descritiva dados dos instrumentos utilizados no estudo, nomeadamente, serão apresentados os resultados obtidos relativamente às pontuações globais (média e desvio padrão) que foram obtidas nas escalas HSPS, AQ e na dimensão Ansiedade do instrumento BSI.

Num segundo ponto será elaborada uma análise inferencial com base nas hipóteses teóricas previamente estabelecidas.

3.1. Análise Descritiva dos Resultados dos Instrumentos

3.1.1. *Highly Sensitive Person Scale* (HSPS)

Na tabela 2 são apresentados, de forma sucinta, resultados pertinentes acerca do instrumento e com validade para o estudo em questão. Nesta linha, foi possível obter informação de 880 participantes com um intervalo de valores entre 27 e 179, com uma média de 121.27 e um desvio padrão de 22.775 (cf. tabela 2). A mediana teórica do instrumento é 108, e com base nos resultados encontrados e tendo em atenção a mediana teórica do instrumento é possível observar que a população participante nesta investigação tem uma SPS acima da média ($M=121.27$), quando comparada com os resultados alcançados no estudo oficial de validação da escala.

Tendo em conta os resultados encontrados, tornou-se pertinente compreender de forma mais precisa o número de participantes com SPS alta e com SPS baixa, neste sentido (cf. tabela 3) verificou-se que 227 (25.6%) participantes se encontram com SPS alta e 660 (74.4%) com SPS baixa, notando-se assim que são mais os participantes com SPS alta do que os com SPS baixa.

Tabela 2

Estatística descritiva do instrumento HSPS

HSPS	N	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo
	880	121.27	22.775	27	179

Tabela 3

Estatística descritiva do instrumento HSPS tendo em conta o N de participantes com SPS alta e SPS baixa

HSPS	
N	%

SPS Alta	227	25.6
SPS Baixa	660	74.4

3.1.2. *Aggression Questionnaire* (AQ)

Na análise descritiva do AQ, foi possível observar que responderam ao questionário um total de 913 participantes com uma média de 62.39 e um desvio padrão de 16.587 (cf. tabela 4). No que concerne à análise das médias alcançadas nas 4 dimensões que compõem o instrumento, é possível observar que a Hostilidade ($M= 18.56$, $DP= 6.948$) e a Agressão Física ($M= 16.24$, $DP= 5.786$) são as dimensões com maior prevalência tendo em conta os participantes em estudo (cf. tabela 4).

Tabela 4

Estatística descritiva do instrumento AQ e respetivas dimensões

	N	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo
Agressão Física	957	16.24	5.786	9	41
Agressão Verbal	954	12.07	3.730	5	25
Raiva	955	15.49	5.410	7	34
Hostilidade	949	18.56	6.948	8	40
AQ Total	913	62.39	16.587	33	122

3.1.3. *Brief Symptoms Inventory* (BSI)

No que concerne à dimensão Ansiedade, é possível observar na tabela 5 as pontuações globais ($M= 11.43$, $DP=4.490$) da dimensão inerente ao instrumento BSI.

Tabela 5

Estatística descritiva da dimensão Ansiedade do instrumento BSI

Ansiedade	N	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo
(BSI)	953	11.43	4.490	6	30

3.2. Análise Inferencial

Tendo sido efetuada a análise descritiva dos resultados de cada um dos instrumentos utilizados na recolha dos dados, segue-se então uma descrição dos resultados da análise inferencial e correlacional implementadas na testagem de cada uma das hipóteses levadas a cabo no âmbito deste estudo.

Hipótese 1

Existe uma associação positiva entre a SPS e a Ansiedade.

Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e variáveis Psicossociais: Agressão e Ansiedade

Com base na seguinte hipótese teórica, é possível definir a hipótese estatística que irá servir de guia para a análise de aceitação (ou não) desta mesma hipótese:

H0: Não há uma associação positiva entre as variáveis SPS e Ansiedade.

H1: Há uma associação positiva entre as variáveis SPS e Ansiedade.

De modo a proceder à avaliação da associação entre a SPS e a Ansiedade, recorreu-se ao coeficiente de correlação de Pearson, por ambos cumprirem os critérios para a utilização de testes paramétricos.

Inicialmente foi avaliada a associação entre estas duas variáveis tendo em conta as escalas no seu total. Com base nos resultados presentes na tabela 6, conclui-se que **existe uma correlação positiva entre a SPS e a Ansiedade, $r = .453$, $p = .000$** . Sendo a correlação entre estas variáveis de .453, esta encontra-se no intervalo de .30 a .49, o que faz desta uma **correlação considerada média** (Cohen, 1988). Assim, uma maior sensibilidade de processamento sensorial está associada a níveis mais elevados de ansiedade. Os resultados obtidos levam à **aceitação de H1 e à rejeição de H0, ou seja, a hipótese teórica é aceite**.

Tabela 6

Coefficiente de correlação de Pearson para análise da associação entre a SPS e a Ansiedade

		Ansiedade	
SPS	<i>r</i>	<i>P</i>	
	.453	.000**	

** A correlação é significativa no nível 0.01

Neste sentido, e como o objetivo de estudar até que ponto a variável explicativa (SPS) consegue explicar o comportamento da variável dependente (Ansiedade), foi feita uma regressão linear simples (cf. tabela 7) para as dimensões supracitadas no coeficiente de correlação de Pearson (Martins, 2011).

Através da análise do modelo, foi possível verificar que **a variável preditora do modelo está a influenciar a variável dependente, $F(1) = 222,168$, $p = .000$** (cf. tabela 7). Segundo o resultado obtido no coeficiente de correlação, R^2 , é possível compreender que a **SPS explica, 20.5% da variância dos resultados obtidos no score da ansiedade**.

Tabela 7

Modelo de regressão linear simples sobre a Ansiedade e a SPS

	<i>R</i>	<i>R</i> ²	<i>F</i> (1)	<i>P</i>
Modelo	.453	.205	222.168	.000*

**p*<.05

Ao analisar a contribuição da variável preditora do modelo, é possível concluir que a SPS tem influência sobre os níveis de ansiedade ($\beta = .453$, $p = .000$), sendo que tem uma contribuição estatisticamente significativa para a compreensão do modelo ($p < .05$). Tendo em consideração os dados obtidos, é possível prever que a SPS apresenta uma associação positiva com a ansiedade, o que mostra que quanto maior a SPS maior tende a ser o nível de ansiedade (cf. tabela 8).

Tabela 8

Modelo de regressão linear simples relativa à associação entre a Ansiedade e a SPS

	<i>B</i>	<i>T</i>	<i>p</i>
Ansiedade	.453	14.905	.000*
SPS			

**p*<.05

Hipótese 2

Existe uma associação positiva entre a SPS e a Agressão.

Com base na seguinte hipótese teórica, é possível definir a hipótese estatística que irá servir de guia para a análise de aceitação (ou não) desta mesma hipótese:

H₀: Não há uma associação positiva entre as variáveis SPS e Agressão.

H₁: Há uma associação positiva entre as variáveis SPS e Agressão.

De modo a proceder à avaliação da associação entre SPS e Agressão, recorreu-se ao coeficiente de correlação de Pearson, por ambos cumprirem os critérios para a utilização de testes paramétricos.

Operacionalizando, numa fase inicialmente foi avaliada a associação entre estas duas variáveis tendo em conta as escalas no seu total. Com base nos resultados apresentados na tabela 9, é possível concluir que existe uma correlação positiva entre a SPS e a Agressão, $r = .259$, $p = .000$. Sendo a correlação entre estas variáveis de .259, esta encontra-se no intervalo de .10 a .29, o que faz desta uma correlação considerada pequena, contudo significativa ($p < .01$) (Cohen, 1988). Assim, uma maior sensibilidade de processamento sensorial está associada a

Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e variáveis Psicossociais: Agressão e Ansiedade

níveis mais elevados de agressividade. Deste modo, e segundo os resultados obtidos, é possível constatar que a H_0 é refutada e a H_1 é aceite, posto isto a hipótese teórica é aceite.

Tabela 9

Coefficiente de correlação de Pearson para análise da associação entre a Agressão e a SPS

		SPS	
	r	p	
Agressão	.259	.000**	

** A correlação é significativa no nível .01

Neste sentido, e como o objetivo de estudar até que ponto a variável explicativa (SPS) consegue explicar o comportamento da variável dependente (Agressão), foi feita uma regressão linear simples (cf. tabela 10) para as dimensões supracitadas no coeficiente de correlação de *Pearson* (Martins, 2011).

Através da análise do modelo, foi possível verificar que a **variável preditora do modelo está a influenciar a variável dependente**, $F(1) = 59.900$, $p = .000$ (cf. tabela 10). Segundo o resultado obtido no coeficiente de correlação, R^2 , é possível compreender que a **SPS explica, 6.7% da variância dos resultados obtidos no score da agressão**.

Tabela 10

Modelo de regressão linear simples sobre Ansiedade e a SPS

	R	R ²	F(1)	P
Modelo	.259	.067	59.900	.000*

* $p < .05$

Ao analisar a contribuição da variável preditora do modelo, é possível concluir que a **SPS tem influência sobre os níveis de agressão ($B = .259$, $p = .000$)**, sendo que **tem uma contribuição estatisticamente significativa para a compreensão do modelo ($p < .05$)**. Tendo em consideração os dados obtidos, é possível prever que a SPS apresenta uma associação positiva com a agressão, o que mostra que **quanto maior a SPS maior tende a ser o nível de agressividade** (cf. tabela 11).

Tabela 11

Modelo de regressão linear simples relativa à associação entre a Agressão e a SPS

	B	t	p
Agressão	.259	7.740	.000*
SPS			

* $p < .05$

Hipótese 3

Considerando as 4 dimensões do Questionário da Agressão existe uma associação positiva com a SPS, sendo que a dimensão hostilidade é a dimensão que apresenta uma maior associação com a SPS.

Com base na seguinte hipótese teórica, é possível definir a hipótese estatística que irá servir de guia para a análise de aceitação (ou não) desta mesma hipótese:

H₀: Não há uma associação positiva entre a variável SPS e as 4 dimensões do Questionário da Agressão.

H₁: Há uma associação positiva entre a variável SPS e as 4 dimensões do Questionário da Agressão.

De modo a proceder à avaliação da associação entre a SPS e 4 dimensões do Questionário da Agressão, recorreu-se ao coeficiente de correlação de Pearson, por ambos cumprirem os critérios para a utilização de testes paramétricos.

Com base nos resultados presentes na tabela 12, conclui-se que **existe uma correlação positiva entre a SPS e a Agressão Verbal (AV), $r = .100$, $p = .003$, a Raiva (R), $r = .242$, $p = .000$, e a Hostilidade (H), $r = .355$, $p = .000$** . Sendo que a correlação entre a variável SPS e as variáveis AV e R de $r = .100$ e $r = .242$, respetivamente, encontram-se no intervalo de .10 a .29, o que faz desta uma **correlação considerada baixa**, mais ainda assim significativa ($p < .01$) (Cohen, 1988). Já a **correlação entre a variável SPS e Agressão Física (AF) não foi considerada estatisticamente significativa, uma vez que $p = .537$** .

Tabela 12

Coeficiente de correlação de Pearson para análise da associação entre os 4 fatores do Questionário da Agressão relativamente ao nível de SPS

	SPS	
	R	p
Agressão Física	.019	.573
Agressão Verbal	.100	.003**
Raiva	.242	.000**
Hostilidade	.355	.000**

** A correlação é significativa no nível 0.01

Após os resultados anteriores terem permitido concluir que existe correlação significativa entre a variável SPS e as variáveis AV, R e H, torna-se pertinente estudar até que ponto as variáveis explicativas (AV, R e H) consegue explicar o comportamento da variável dependente (SPS). Neste sentido foi feita uma regressão linear múltipla (cf. tabela 13, 14 e 15) considerando as dimensões supracitadas (Martins, 2011).

Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e variáveis Psicossociais: Agressão e Ansiedade

Segundo a análise do modelo, foi possível observar que a **variável preditora do modelo AV está a influenciar a variável dependente**, $F(2) = 4.593$, $p = .010$ (cf. tabela 13), a **variável preditora do modelo R está a influenciar a variável dependente** $F(3) = 22.258$, $p = .000$ (cf. tabela 14), bem como a **variável preditora H** $F(4) = 38.387$, $p = .000$ (cf. tabela 15). Segundo o resultado obtido no coeficiente de determinação R^2 , é possível compreender que a **AV explica 1.1% da variância dos resultados obtidos no score da SPS**, a **R explica 7.2% da variância dos resultados obtidos no score da SPS** e a **H explica 15.2% da variância dos resultados obtidos no score da SPS**.

Neste sentido, é possível verificar que efetivamente existe uma associação entre três das quatro dimensões da agressão (AV, R e H) e a SPS, e que que a **variável Hostilidade é aquela que detém uma associação mais elevada com a SPS**, o que prediz uma aceitação da hipótese teórica.

Tabela 13

Modelo de regressão linear sobre SPS e Agressão Verbal

	R	R ²	F(2)	P
Modelo	.103	.011	4.593	.010*

* $p < .05$

Tabela 14

Modelo de regressão linear sobre SPS e Raiva

	R	R ²	F(3)	P
Modelo	.269	.072	22.258	.000*

* $p < .05$

Tabela 15

Modelo de regressão linear sobre SPS e Hostilidade

	R	R ²	F(4)	P
Modelo	.390	.152	38.397	.000*

* $p < .05$

Ao analisar a contribuição da variável preditora do modelo, é possível concluir que as **variáveis AV, R e H tem influência sobre os níveis da SPS** ($\beta = .111$, $p = .003$; $\beta = .314$, $p = .000$; $\beta = .337$, $p = .000$, respetivamente), sendo que **têm uma contribuição estatisticamente significativa para a compreensão do modelo** ($p < .05$). Assim, é possível prever que a **variáveis AV, R e H apresentam uma associação positiva com a SPS**, o que mostra que **quanto mais elevados os níveis de AV, R e H maior tende a ser o nível de SPS** (cf. tabela 16).

Tabela 16

Modelo de regressão linear relativa à associação entre a SPS e as diferentes dimensões da Agressão

	SPS		
	B	t	P
Agressão Verbal	.111	2.978	.003*
Raiva	.314	7.549	.000*
Hostilidade	.337	8.978	.000*

* $p < .05$

Hipótese 4

Considerando a variável SPS, existem diferenças entre os participantes relativamente aos níveis de ansiedade e agressão, sendo que participantes com SPS alta apresentam níveis superiores em ambas as variáveis (ansiedade e agressão).

Com base na seguinte hipótese teórica, é possível definir a hipótese estatística que irá servir de guia para a análise de aceitação (ou não) desta mesma hipótese:

H₀: Não há diferenças entre os participantes relativamente às variáveis ansiedade e agressão, considerando a SPS.

H₁: Há diferenças entre os participantes relativamente às variáveis ansiedade e agressão, considerando a SPS.

Para a testagem desta hipótese recorreu-se ao Teste T para amostras independentes, uma vez que este teste é usado quando se pretende averiguar se as médias das variáveis dependentes (Ansiedade e Agressão) nos dois grupos de comparação (SPS alta e SPS baixa) diferem significativamente uma da outra (Martins, 2011). Mais especificamente, este teste avalia se a diferença de médias encontrada deve ao acaso ou a diferenças que realmente existem na população de onde foram retirados os dois grupos em comparação (Martins, 2011).

Operacionalizando, e com base nos resultados obtidos com o auxílio do Teste T, foi possível observar que existem diferenças estatisticamente significativas entre a SPS alta ($M= 12.22$, $DP= 4.609$) e a SPS baixa ($M= 9.00$, $DP= 2.976$); $t(603.426) = - 11.964$, $p < .05$ no que toca à Ansiedade, os participantes com SPS alta apresentam maior prevalência de Ansiedade comparativamente aos participantes com SPS baixa (cf. Tabela 17). Foram ainda encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a SPS alta ($M= 64.46$, $DP= 16.891$) e a SPS baixa ($M= 56.45$, $DP= 14.738$; $t(427.455) = - 6.634$, $p = .000$ no que toca à Agressão, na qual participantes com SPS alta apresentam maior prevalência de Agressão comparativamente aos participantes com SPS baixa (cf. Tabela 17). Neste sentido, é possível depreender que os participantes com SPS alta apresentam níveis superiores em ambas as variáveis (ansiedade e

Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e variáveis Psicossociais: Agressão e Ansiedade

agressão) o que significa que se rejeita a H_0 e aceita a H_1 , ou seja, posto isto hipótese teórica é aceite.

Tabela 17

Teste T para análise das diferenças nas variáveis Ansiedade e Agressão tendo em conta a SPS

SPS				
	Alta (N= 647) Média (DP)	Baixa (N=224) Média (DP)	$t(603.426)^1$	p
Ansiedade	12.22 (4.609)	9.00 (2.976)	-11.946	.000*
SPS				
	Alto (N=624) Média (DP)	Baixo (N=217) Média (DP)	$t(427.455)^2$	p
Agressão	64.46 (16.891)	56.45 (14.738)	-6.634	.000*

* $p < .05$

Hipótese 5

Considerando a variável **género**, existem diferenças estatisticamente significativas entre os participantes relativamente ao nível de SPS, sendo que as participantes do sexo feminino apresentam níveis de SPS mais elevados.

Com base na seguinte hipótese teórica, é possível definir a hipótese estatística que irá servir de guia para a análise de aceitação (ou não) desta mesma hipótese:

H_0 : Não há diferenças entre os participantes relativamente à SPS, considerando o género.

H_1 : Há diferenças entre os participantes relativamente à SPS, considerando o género.

Para a testagem desta hipótese recorreu-se ao Teste T para amostras independentes, pois este é usado quando se pretende averiguar se as médias da variável dependente (SPS) nos dois grupos de comparação (género masculino e género feminino) diferem significativamente uma da outra. Mais especificamente, este teste avalia se a diferença de médias encontrada deve ao acaso ou a diferenças que realmente existem na população de onde foram retirados os dois grupos em comparação (Martins, 2011).

Com base nos resultados obtidos com o auxílio do Teste T, foi possível concluir que **existe uma diferença estatisticamente significativa entre o género masculino ($M= 112.70$, $DP= 23.071$)**

¹ Valor consultado na tabela de *variâncias iguais não assumidas*, uma vez que $p < .05$ no teste de Levene para a igualdade de variâncias (Pallant, 2005; Pereira e Patrício, 2013).

² Valor consultado na tabela de *variâncias iguais não assumidas*, uma vez que $p < .05$ no teste de Levene para a igualdade de variâncias (Pallant, 2005; Pereira e Patrício, 2013).

e o género feminino ($M= 125.55$, $DP= 21.396$); $t(878) = - 8.174$, $p = .000$), no que toca à SPS, as mulheres apresentam maior prevalência de SPS comparativamente aos participantes do género masculino (cf. Tabela 18), o que significa que se rejeita a H_0 e aceita a H_1 , ou seja, a hipótese teórica é aceite.

Tabela 18

Teste T para amostras independentes para analisar diferenças entre a variável “género” e o nível de SPS

	Género		<i>t</i> (878)	<i>p</i>
	Masculino	Feminino		
	(N= 293)	(N=587)		
	<i>Média</i> (<i>DP</i>)	<i>Média</i> (<i>DP</i>)		
SPS	112.70 (23.071)	125.55 (21.396)	-8.174	.000*

* $p < .05$

Hipótese 6

Considerando a variável idade, não existem diferenças estatisticamente significativas entre os participantes relativamente ao nível de SPS.

Com base na seguinte hipótese teórica, é possível definir a hipótese estatística que irá servir de guia para a análise de aceitação (ou não) desta mesma hipótese:

H₀: Não há diferenças entre os participantes relativamente à SPS, considerando a idade.

H₁: Há diferenças entre os participantes relativamente à SPS, considerando a idade.

Para a testagem da presente hipótese recorreu-se à Análise de Variância (ANOVA) Unifatorial (ANOVA I), uma vez que se pretende comparar três ou mais grupos independentes (três intervalos de idade) ao nível de uma variável dependente (SPS), comparando a variância entre os diferentes grupos, que pode ocorrer devido à variável independente, com a variância dentro de cada grupo (que pode ser devido ao acaso) (Martins, 2011).

Operacionalizando, com base nos resultados obtidos no teste, foi possível observar que **não existem diferenças estatisticamente significativas entre os diferentes intervalos de idade na SPS, uma vez que $p > .05$ ($F(2) = 0.702$, n.s.)** (cf. tabela 19), o que permite concluir que a H_0 é aceite e a H_1 é rejeitada, sendo a hipótese teórica aceite.

Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e variáveis Psicossociais: Agressão e Ansiedade

Tabela 19

ANOVA I para análise de diferenças entre a variável “idade” e o nível de SPS

	Idade			<i>F(2)</i>	<i>p</i>
	18-33 (N=648) <i>Média</i> (<i>DP</i>)	34-49 (N=160) <i>Média</i> (<i>DP</i>)	50-65 (N=72) <i>Média</i> (<i>DP</i>)		
SPS	120.84 (23.172)	121.76 (22.511)	124.08 (19.576)	.702	.496

Capítulo IV: Discussão

Nesta componente da dissertação será realizada a discussão de resultados, à luz da fundamentação teórica e das conclusões e elementos encontrados noutros trabalhos de investigação.

Como supracitado, o presente estudo objetivou explorar a associação entre a Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e as variáveis Agressão (e suas dimensões) e Ansiedade, bem como verificar se as variáveis sociodemográficas (género e idade) têm diferenças estatisticamente significativas quando relacionadas à ASPS.

De forma a tornar a discussão mais compreensiva e intuitiva, esta estará organizada tendo por base as hipóteses teóricas estabelecidas inicialmente para este estudo, onde se pretende estabelecer uma ponte entre o domínio das construções teóricas e o conjunto de resultados apresentados no capítulo anterior, atribuindo assim, um significado aos dados encontrados, aos objetivos do estudo e à questão de investigação.

Através da testagem da hipótese 1, dedicada à análise da associação entre a SPS e a Ansiedade, em primeiro lugar, pretendia-se avaliar a existência de correlação estatisticamente significativas entre as variáveis referidas. Os resultados obtidos mostram uma **correlação positiva entre a SPS e a Ansiedade**. Nesta linha, e aprofundando os resultados encontrados é possível verificar que estes são semelhantes aos presentes na literatura pesquisada, **corroborando assim com a premissa de que existe uma associação entre estas variáveis**. Especificamente, os estudos de Grimen e Diseth, (2016), demonstram que indivíduos com níveis de SPS mais elevados podem estar relacionados a sintomatologia ansiosa e depressão. Ainda através de estudos feitos com base na HSPS observou-se ainda que os indivíduos com alta SPS parecem ser mais sensíveis à dor, a medicação, cafeína e ainda uma maior prevalência de problemas somáticos, tais como enxaquecas, dor crónica, fadiga crónica, bem como problemas psicológicos, nomeadamente ansiedade, depressão e fobia social (Jonsson, Grim, & Kjellgren, 2014).

Assim, e após confirmada a correlação anteriormente discutida, efetuou-se uma análise relativa ao comportamento da SPS, percebida como variável potencialmente preditora da Ansiedade. OS resultados obtidos, sugerem que **a ASPS produz um efeito bastante considerável na predição da variância da pontuação da Ansiedade**.

Os resultados encontrados, potenciam o ideal de que pessoas com níveis de SPS mais elevados têm uma maior probabilidade evidenciar sintomatologia ansiosa, neste sentido, pode concluir-

se que níveis de SPS mais elevados potencialmente incrementam o surgimento de níveis de sintomatologia ansiosa mais elevados.

Considerando agora a segunda hipótese (associação entre a SPS e a variável Agressão), os resultados evidenciam uma relação estatisticamente significativa entre estas variáveis, sugerindo que a SPS e a Agressão se correlacionam positivamente, ou seja, quando mais elevados os níveis de SPS maior a probabilidade do surgimento de comportamentos agressivos. Estes resultados são, de forma análoga, semelhantes aos presentes na literatura pesquisada.

Posto isto, a elaboração das hipóteses teóricas em questão foram sustentadas com evidências teóricas, ainda assim, e pela escassez de estudos na relação destas duas variáveis, não há uma associação direta entre esta encontrada na literatura, contudo, ainda que não tenham sido encontrados outros estudos neste âmbito específico, existem investigações que as interligam, nomeadamente de Braem et al. (2017), que ao estudar a ASPS verificaram que esta se traduz num processamento mais profundo das cognições e das emoções, uma maior intensidade emocional (positiva e negativa) e uma maior sensibilidade a estímulos. Desta modo, podem ser facilmente associados a situações de *stress*, ativadas por estímulos ambientais ou sociais novos e/ou intensos, que conseqüentemente fomentam um maior isolamento da pessoa com elevada SPS (Jonsson, Grim, & Kjellgren, 2014; Andersen, Goldmann, & Volodina, 2017), tal como se pode verificar em estudos sobre os diferentes comportamentos agressivos, nos quais Anderson e Bushman (2002), defendem que a agressão é um traço da personalidade associado ao comportamento antissocial.

Nesta linha, outro estudo foi realizado com o intuito de perceber a possível relação entre a ASPS e o neuroticismo, e parecem existir evidências de pontos em comum. Associada a esta ligação podem estar fatores como o facto de os indivíduos altamente sensíveis e receosos tenderem a responder aos estímulos com uma tendência de experimentar sofrimento, emoções negativas e comportamentos agressivos (Grimen & Diseth, 2016).

Recorrendo aos resultados estatísticos e com base em alguma fundamentação teórica, é possível verificar que parece haver uma ligação entre estas duas variáveis, posto isto, depois de ter sido confirmada a correlação anteriormente discutida, efetuou-se uma análise relativa ao comportamento da SPS percebida como variável potencialmente preditora da Agressão, na cujos resultados sugerem que a SPS produz um efeito significativos na predição da variância da pontuação da Agressão.

No que respeita à hipótese 3, esta foi elaborada tendo em conta possível associação presente na hipótese 2. Embora não tenhamos encontrado fundamentação teórica direta que evidencie uma associação entre a SPS e as diferentes dimensões da Agressão, tornou-se pertinente compreender se existe uma associação estatisticamente significativa. Os resultados revelam

Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e variáveis Psicossociais: Agressão e Ansiedade

uma associação positiva entre a SPA e três das dimensões constituintes da variável agressão, nomeadamente com a Agressão Verbal, a Raiva e a Hostilidade.

Após os resultados anteriores terem mostrado que existe correlação significativa entre a variável SPS e as variáveis AV, R e H, torna-se pertinente estudar até que ponto as variáveis explicativas (AV, R e H) conseguem explicar o comportamento da variável dependente (SPS).

Nesta sequência, os resultados apontam que a **SPS é uma variável potencialmente preditora das dimensões AV, R e H**, mais especificamente, **a dimensão Hostilidade parece ser a que mais contribui de forma estatisticamente significativa e positiva para explicar a variabilidade desta dimensão SPS**. Sintetizando, quanto mais elevados os comportamentos de agressão verbal, raiva e hostilidade maior parece ser o nível de SPS.

Com base nas hipóteses anteriormente apresentadas foi possível compreender se existia uma associação entre as variáveis supracitadas. Com a quarta hipótese procura-se compreender em qual dos grupos da variável SPS (SPS alta e SPS baixa) os valores seriam mais elevados tendo em conta as variáveis Ansiedade e Agressão. Através da testagem desta hipótese conclui-se que há uma diferença significativa entre os dois grupos da SPS (SPS alta e SPS baixa) no que diz respeito à presença de sintomatologia ansiosa (Ansiedade) e comportamentos agressivos (Agressão).

Os resultados apontam para **diferenças estatisticamente significativas**, uma vez que os participantes com SPS alta apresentam maior prevalência de Ansiedade comparativamente aos participantes com SPS baixa. Já no que diz respeito à Agressão, **os participantes com SPS alta apresentam maior prevalência de Agressão comparativamente aos participantes com SPS baixa**. Sintetizando, é possível depreender que os participantes **com SPS alta apresentam níveis superiores em ambas as variáveis** (ansiedade e agressão).

Através da testagem da quinta hipótese conclui-se que há uma **diferença significativa entre o género masculino e o género feminino no que diz respeito à presença de SPS**, na qual as **mulheres apresentarem uma prevalência de SPS superior aos homens**. Estes estudos são corroborados por investigações que revelaram que, tipicamente, as pessoas do género feminino, tendem a manifestar um nível de SPS mais elevada do que o género masculino (e.g., Benham realizado em 2006, Andersen, Goldmann e Volodina realizado em 2017 e Konrad e Herzberg realizado em 2017).

Por sua vez, através dos resultados obtidos na testagem da sexta hipótese, verifica-se que **não existem diferenças estatisticamente significativas entre os diferentes intervalos de idade** presentes no estudo, quando comparados relativamente à SPS. Nesta linha, e segundo os resultados observados, este vão ao encontro de estudos previamente realizados que referem que **diferentes idades não predizem uma maior prevalência de ASPS** (e.g. Konrad e Herzberg realizado em 2017).

Contudo, torna-se importante referir que os grupos de idades, ainda que elaborados com o intuito de criar grupos o mais homogéneos possível no que concerne ao n que os representa, estes não são totalmente homogéneos o que poderá influenciar os resultados encontrados.

Em jeito de **síntese**, esta componente relativa à discussão interpretativa dos principais resultados obtidos no presente estudo, enfatiza-se que a **ASPS parece variar em função de determinadas características, como o género, e ainda na associação da ASPS e a presença (ou não) de sintomatologia ansiosa e comportamentos agressivos (nomeadamente, agressão verbal, raiva e hostilidade)**. Nestes casos, os resultados encontrados vão ao encontro e/ou relacionam-se com as conclusões presentes na literatura da especialidade.

Conclusão e Considerações Finais

A ASPS tem despoletado um grande interesse na comunidade científica, uma vez que é considerada como um constructo impactante numa percentagem significativa da população a nível mundial, está teoricamente definida e existem formas válidas e fiáveis para a avaliar, pelo que, o seu estudo apresenta grande viabilidade. Não obstante que esta é uma temática pertinente, mas que necessita de mais estudos e exploração. Nesta linha, graças à oportunidade que surgiu no âmbito do projeto e linha investigação: “Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e variáveis Psicossociais: Agressão e Ansiedade”, desenvolveu-se a presente dissertação que se concentrou, primordialmente, na exploração desse constructo tanto ao nível teórico como empírico. Desta forma, foram definidos a estes dois níveis - teórico e empírico - objetivos, que se refletiram na organização deste documento, bem como nas decisões efetuadas ao longo do mesmo.

Note-se que a ASPS é um tema relativamente recente no que diz respeito ao seu estudo e exploração, o que por sua vez fomenta um crescimento exponencial do interesse relativo à ASPS e, neste sentido, torna-se pertinente a elaboração da presente investigação, sendo das primeiras a ser elaborada em Portugal, o que a torna pioneira. Com esta condição, certamente, que as análises serão diversas, bem como um ponto de partida para novas investigações, que objetivem uma constante evolução no percurso de procura da sua cientificidade com o objetivo de poder caracterizar a variável de forma mais eficaz e perceber possíveis associações entre esta e outras.

Assim, o primeiro objetivo teórico delineado concentrava-se em rever diacronicamente o percurso da ASPS, produzindo uma perspetiva completa, integrada e global, bem como das variáveis psicossociais em estudo: Agressão e Ansiedade.

Posteriormente, objetivou-se apresentar, explorar e analisar o constructo ASPS, a sua operacionalização e tradução em diferentes abordagens teóricas e de avaliação. Todo este processo se tornou um desafio, uma vez que a sua concetualização e avaliação representadas na literatura eram pouco precisas e exploradas. Contudo, através do estudo, em profundidade, dos modelos teóricos novos campos de exploração e reflexão se iniciaram. Seguidamente, sucedeu-se uma exploração e síntese das variáveis psicossociais em estudo (agressão e ansiedade) para melhor as compreender e perceber. Consequentemente, e através do estudo empírico destas variáveis depreendeu-se que esta área de investigação se ocupa essencialmente em compreender as aplicações e implicações de alta sensibilidade de processamento sensorial em diversas esferas da vida do ser humano, bem como perceber se outras variáveis podem produzir efeitos atenuantes ou intensificadores da problemática.

O prisma de análise permitido através da revisão profunda da literatura e de informações relativas aos instrumentos aplicados no presente estudo, permitiu enquadrar e refletir acerca

de diversas problemáticas. Tal revelou-se fundamental, ao longo do processo relacionado com o estudo empírico da ASPS e das variáveis psicossociais, que à partida não têm uma ligação direta, mas que efetivamente pareciam ter pontos em comum, que acabaram por orientar a metodologia, os procedimentos e potenciar a ponderação acerca de aspetos relevantes a considerar o que permitiu, dessa forma, basear e efetuar escolhas informadas. Nomeadamente na definição de objetivos, a criação das hipóteses em estudo, a definição dos critérios de inclusão dos participantes e as decisões e processos efetuados na adaptação dos instrumentos aplicados à amostra (e.g., utilização da dimensão ansiedade subjacente ao instrumento BSI).

Considerando os dados obtidos na presente investigação, enfatiza-se que a ASPS parece variar em função de determinadas características, como o género, e ainda na associação da ASPS e a presença (ou não) de sintomatologia ansiosa e comportamentos agressivos (nomeadamente, agressão verbal, raiva e hostilidade). Segundo os resultados obtidos é possível constatar que estes se mostraram interessantes e um bom ponto de partida para novas investigações. Nesta linha, tendo em consideração o exposto anteriormente, considera-se que foram realizados procedimentos congruentes com todos os objetivos definidos previamente, para esta dissertação, pelo que se julga que os mesmos foram alcançados na sua generalidade e particularidade.

Por fim, é oportuno observar a importância destes resultados, não só para investigações futuras, como para o desenvolvimento de práticas profissionais mais ecléticas e sustentadas, ou seja, estes dados vêm contribuir para um melhor entendimento da ASPS e a sua associação a outras variáveis que podem, e devem, ser tidas em conta num processo de acompanhamento de uma pessoa altamente sensível, potencializando uma intervenção e acompanhamento mais personalizado e focado em aspetos consideravelmente importantes, num menor espaço de tempo, ou seja, este estudo procura potenciar um acompanhamento mais idiossincrático e fundamentado possível, promovendo estratégias de *coping* mais adaptativas para lidar com a problemática, promovendo uma maior bem estar à pessoa altamente sensível.

Limitações e Investigações Futuras

Transcorrido o desenvolvimento e análise da presente investigação, é de salientar que os objetivos delineados para a mesma foram alcançados, o que contribuiu positivamente para a investigação científica e intervenção nesta área.

Contudo, como em qualquer investigação, também este estudo não se encontra totalmente isento de limitações. Nesta linha, indica-se que, potencialmente, o grau de controlo relativo ao preenchimento do protocolo (e.g., ambiente e espaço onde decorreu a resposta) foi restringido pelo facto de a recolha de dados ter ocorrido de forma *online*, num período temporal. Ainda assim, o que pode ser interpretado como limitações deste estudo, pode ainda, perspetivado como ponto forte. Conjetura-se que pelo facto de os dados terem sido recolhidos

Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e variáveis Psicossociais: Agressão e Ansiedade

de forma *online*, garantem confidencialidade total, o que promove que participantes forneçam dados verídicos, diminuindo, assim, uma das principais desvantagens dos métodos de autorrelato, a problemática de estigmatização social. Contudo, foi graças ao método de recolha escolhido que possibilitou uma recolha tão rica e diversificada de informação.

Outra limitação é o facto de a amostra ser maioritariamente feminina, o que poderá influenciar os resultados obtidos na hipótese que remeteu para as diferenças entre o género. Uma outra limitação é o facto de a amostra ser substancialmente de uma faixa etária mais jovem (início da idade adulta), o que poderá enviesar os resultados obtidos na hipótese 6, mesmo tendo sido elaborados grupos de idades o mais homogéneo possível. Por último, e não sendo considerado uma limitação, é o facto da ASPS não ser um termo muito abordado no dia a dia de todos os participantes que responderam ao questionário, neste sentido dúvidas podem surgir relativamente ao conceito da variável, que por seu turno pode enviesar as respostas dadas às questões colocadas.

No futuro, esta investigação permite, ainda, orientar um caminho para considerações em relação a potenciais estudos futuros que merecem, agora, destaque. Neste âmbito, os desenvolvimentos acerca desta temática, poderão representar um papel muito importante no que respeita à ampliação do seu atual domínio teórico e de avaliação. Assim, em investigações futuras, é necessário o desenvolvimento de mais investigações tendo em conta todas as variáveis e dimensões possivelmente relacionados e não só a variável ASPS, de modo a aprofundar a temática e conseqüentemente delinear intervenções e programas de sensibilização para esta população (e.g., compreender se existe uma associação entre a ASPS e outras dimensões do BSI, nomeadamente, a depressão, a ansiedade fóbica, entre outros). Deste modo, o desenvolvimento de mais investigações acerca desta problemática poderá incitar novas formas de discriminar, de forma informativa e psicoeducativa, o que é a ASPS, fomentando uma atuação preventiva perto da sociedade, contribuindo para uma diminuição de casos sem acompanhamento por falta de informação.

Considera-se ainda ser relevante a realização de estudos longitudinais que contemplem, por exemplo, uma análise do desenvolvimento da ASPS ao longo do ciclo vital, tendo em conta variáveis que, através de estudos transversais, parecem ter uma associação com a ASPS

Referências Bibliográficas

- Acevedo, B. P., Aron, E. N., Aron, A., Sangster, M. D., Collins, N., & Brown, L. L. (2014). The highly sensitive brain: an fMRI study of sensory processing sensitivity and response to others' emotions. *Brain and Behavior*, 4(4), 580-594.
- Almeida, J. S. (2014). *A saúde mental global, a depressão, a ansiedade e os comportamentos de risco nos estudantes do ensino superior: estudo de prevalência e correlação* (Tese de Doutoramento não publicada). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- American Psychiatric Association. (2013). Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais. 5ª ed. Lisboa: Climepsi Editores.
- Andersen, M., Goldmann, P., & Volodina, A. (2017). Do Overwhelmed Expatriates Intend to Leave? The Effects of Sensory Processing Sensitivity, Stress, and Social Capital on Expatriates' Turnover Intention. *European Management Review*. doi.org/10.1111/emre.12120
- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2002). Human Aggression. *Annual Review of Psychology*, 53, 27-51.
- Aragão, J. (2011). Introdução aos estudos quantitativos utilizados em pesquisas científicas. *Revista Práxis*(6), 59-62.
- Aron, E. N., & Aron, A. (1997). Sensory-Processing Sensitivity and its relation to introversion and emotionality. *Journal of Personality & Social Psychology*, 73, 345-368.
- Aron, E. N., Aron, A., & Jagiellowicz, J. (2012). Sensory Processing Sensitivity: A review in the light of the evolution of biological responsiveness. *Personality and Social Psychology Review*, 3(16), 261-282.
- Bandelow, B., & Michaelis, S. (2015). Epidemiology of anxiety disorders in the 21st century. *Dialogues in clinical neuroscience*, 17(3), 327-335.
- Bauer, S. M. (2002). *Da ansiedade à depressão; da psicofarmacologia à psicoterapia*. São Paulo: Livro Pleno.

- Benham, G. (2006). The Highly Sensitive Person: Stress and physical symptom reports. *Personality and Individual Differences*, 40, 1433-1440. doi:10.1016/j.paid.2005.11.021
- Braem, M., Asher, L., Furrer, S., Lechner, I., Wurbel, H., & Melotti, L. (2017). Development of the "highly Sensitive Dog" questionnaire to evaluate the personality dimension "Sensory Processing Sensitivity" in dogs. *Plos One*, 12(5), 1-25.
- Brandtner, M., & Bardagi, M. (2009). Sintomatologia de depressão e ansiedade em estudantes de uma universidade privada do Rio Grande do Sul. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 2(2), 81-91.
- Buss, A. H., & Perry, M. (1992). The aggression questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63(3), 452-9.
- Canavarro, M. C. (1999). Inventário de sintomas psicopatológicos- B.S.I. Em M. R. Simões, M. M. Gonçalves, & L. S. Almeida, *Testes e provas psicológicas em Portugal* (Vol. 2, pp. 95-109). Braga: APPORT/SHO.
- Castela, R. I. (2013). *Crenças normativas sobre a agressão e comportamentos de bullying em contexto escolar* (Dissertação de Mestrado não publicada).
- Cavalcanti, J. G., & Pimentel, C. E. (2016). Personalidade e agressão: uma contribuição do Modelo Geral da Agressão. *Estudos de Psicologia*, 33(3), 443-451.
- Cohen, J. W. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Costa, L. M. (2018). *Perceção parental das vulnerabilidades e potencialidades das crianças com perturbação de ansiedade* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Cunha, O., & Gonçalves, R. A. (2012). Análise confirmatória fatorial de uma versão portuguesa do Questionário de Agressividade de Buss-Perry. *Laboratório de Psicologia*, 10(1), 3-17.
- Evers, A., Rasche, J., & Schabracq, M. J. (2008). High Sensory-Processing Sensitivity at Work. *International Journal os Stress Management*, 5, 189-198.

- Ferreira, P. L. (2005). *Estatística Descritiva e Inferencial*. Breves notas. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra
- Ferriera , D. J. (2011). *Impacto dos problemas de sono na agressividade implementação forense ao nível da tipologia de crime, psicopatologia e género*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Católica Portuguesa, Braga.
- Grimen, H. L., & Diseth, A. (2016). Sensory Processing Sensitivity: Factors of the Highly Sensitive Person Scale and Their relationships to Personality and Subjective Health Complaints. *Perceptual and Motor Skills*, 123(3), 637-653.
- Hsieh, I.-J., & Chen, Y. Y. (2017). Determinants of aggressive behavior: Interactive effects of emotional regulation and inhibitory control. *Plos One*, 12(4), 1-9.
- Jonsson, K., Grim, K., & Kjellgren, A. (2014). Do Highly Sensitive Persons Experience More Nonordinary States of Consciousness During Sensory Isolation? *Social Behavior and Personality*, 41(9), 1495-1506.
- Konrad, S., & Herzberg, P. Y. (2017). Psychometric Properties and Validation of a German High Sensitive Person Scale (HSPS-G). *European Journal of Psychological Assessment*, 1-28. doi:10.1027/1015-5759/a000411
- Lefever, S., Dal, M., & Matthíasdóttir, Á. (2007). Online data collection in academic research: advantages and limitations. *British Journal of Educational Technology*, 38, 574-582. doi:https://doi.org/10.1111/j.1467-8535.2006.00638.x
- Maeng, L. Y., & Milad, M. R. (2015). Sex differences in anxiety disorders: interactions between fear, stress and gonadal hormones. *Hormones and Behavior*, 76, 106-117. doi:10.1016/j.yhbeh.2015.04.002
- Marconi, M., & Lakatos, E. M. (2016). *Fundamentos de metodologia científica* (7ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Mullet, D. R., Rinn, A. N., Jett, N., & Nyikos, T. (2017, April). Giftedness and Sensory Processing Sensitivity: A Validation Study of Two Versions of the Highly Sensitive

Person Scale. Paper present to the *American Educational Research Association Annual Conference*, (pp. 1-15), retrieved from https://www.researchgate.net/publication/316583403_Giftedness_and_Sensory_Processing_Sensitivity_A_Validation_Study_of_Two_Versions_of_the_Highly_Sensitive_Person_Scale?enrichId=rgreq-63227ff661e1127d2708721fe5756b86-XXX&enrichSource=Y292ZXJQYWdlOzMxNjU4MzQwMztBUzo0ODg2MzEwOTA1ODU2MDEzODE4MQ%3D%3D&el=1_x_2&_esc=publicationCoverPdf.

- Myers, D. G., & Twenge, J. M. (2017). *Social Psychology* (12^a ed.). N.Y.: McGraw-Hill.
- Pallant, J. (2005). *SPSS Survival Manual: A step by step guide to data analysis using SPSS for*. Crows Nest: Allen & Unwin.
- Pereira, H., Monteiro, S., Afonso, R. M. Esgalhado, G. & Loureiro, M. J. (em preparação). Departamento de Psicologia e Educação da UBI.
- Pereira, A., & Patrício, T. (2013). *SPSS - Guia Prático de Utilização*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Pinto, C. A. (2015). *Validação de um questionário de agressividade numa amostra de jovens adultos portugueses*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2017). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (7^a ed.). Lisboa: Gradiva.
- Rapee, R. M. (2001). The development of generalized anxiety. Em M. Vasey, & M. Dadds, *The developmental psychopathology of anxiety* (pp. 481-503). New York: Oxford University Press. doi:10.1093/med.psych/9780195123630.003.0021
- Reyna, C., Sanchez, A., Brussino, S., & Lello, M. (2011). The Buss-Perry Agression Questionnaire: Construct validity and gender invariance among Argentinean adolescents. *International Journal of Psychological Research*, 4(2), 30-37.
- Ribeiro, M. O., & Sani, A. I. (2009). Modelos explicativos da agressão: revisão teórica. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 96-104.
- Roberton, T., Daffern, M., & Bucks, R. S. (2012). Emotion regulation and aggression. *Aggression and Violent Behavior*, 17, 72-82. doi:10.1016/j.avb.2011.09.006

Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e variáveis Psicossociais: Agressão e Ansiedade

- Sarmiento, M. (2013). *Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- Serra, A. V. S. (1980). O que é a ansiedade? *Psiquiatria Clínica*, 1(2), 93-104.
- Silva, D. (2006). O inventário de estado-traço de ansiedade- STAI. Em M. Gonçalves, M. Simões, L. Almeida, & Machado, *Avaliação Psicológica- Instrumentos validados para a população portuguesa* (pp. 45-60). Quarteto Ed.
- Smolewska, K., McCabe, S., & Woody, E. (2006). A psychometric evaluation of the Highly Sensitive Person Scale: The components of sensory-processing sensitivity and their relation to the BIS/BAS and "Big Five". *Personality and Individual Differences*, 40, 1269-1279. doi:10.1016/j.paid.2005.09.022
- Vieira, T. M. (2007). *Fatores de Aprendizagem Social, Comportamento Agressivo e Comportamento Lúdico de Meninos Pré-Ecolares*. (Dissertação de Mestrado em Psicologia não publicada). Universidade Católica de Goiás, Goiás (Brasil).
- Weigold, A., Weigold, I. K., & Russell, E. J. (2013). Examination of the equivalence of self-report survey-based paper-and-pencil and internet data collection methods. *Psychological Methods*, 18(1), 53-70. doi:http://dx.doi.org/10.1037/a0031607

Anexos

Anexo 1 - Parecer da Comissão de Ética da Universidade da Beira Interior



Comissão de Ética
Universidade da Beira Interior

comissaodeetica@ubi.pt
Convento de Santo António
6201-001 Covilhã | Portugal

Parecer relativo ao processo n.º CE-UBI-Pj-2017-031

Na sua reunião de 11 de julho de 2017 a Comissão de Ética apreciou, retrospectivamente, a documentação científica submetida referente ao pedido de parecer do projeto "**Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e Variáveis Psicossociais**", do proponente **Henrique Pereira**, a que atribuiu o código n.º CE-UBI-Pj-2017-031.

Na sua análise não identificou matéria que ofenda os princípios éticos e morais sendo de parecer que o estudo em causa pode ser aprovado.

Covilhã e UBI, 30 de outubro de 2017

O Presidente da Comissão de Ética

Professor Doutor José António Martinez Souto de Oliveira
Professor Catedrático

Anexo 2 - Consentimento informado

Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e variáveis Psicossociais

O objetivo desta investigação é avaliar os níveis de Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e outras variáveis psicossociais (saúde mental, mindfulness, funcionamento sexual, agressividade, expectativas face à longevidade e compromisso laboral).

Para tal, contamos com a sua colaboração através do preenchimento do inquérito aqui se apresenta, garantindo que as suas respostas são anónimas e confidenciais. A sua participação é muito importante.

Este inquérito está dirigido apenas a pessoas com 18 ou mais anos de idade.

Desde já muito obrigado pela sua colaboração!

...

Universidade da Beira Interior - Portugal
Departamento de Psicologia e Educação

Prof. Doutor Henrique Pereira
Prof. Doutor Manuel Loureiro
Prof.^a Doutora Graça Esgalhado
Prof.^a Doutora Marina Afonso
Prof. Doutor Samuel Monteiro

E-mail: [REDACTED]

Para iniciar o preenchimento, carregue no botão "Seguinte".

Ao iniciar, está ciente dos objetivos desta pesquisa e aceita disponibilizar as suas respostas unicamente para tratamento estatístico. Garantimos que os seus dados apenas serão utilizados para este fim. Desde já, muito obrigado!

Para iniciar o preenchimento, carregue no botão "Seguinte".

Anexo 3 - Questionário Sociodemográfico

Parte 1 - Dados Sócio-demográficos

Primeiro, gostaríamos de saber algumas informações sobre si...

1.

A sua idade?

2.

O seu género?

Marcar apenas uma oval.

- Homem
 Mulher
 Outra: _____

3.

O seu estado marital atual?

Indique o que melhor descreve o seu estado atual.

Marcar apenas uma oval.

- Casado/a
 Solteiro/a
 Divorciado/a ou Separado/a
 Viúvo/a
 Unido/a de facto
 Tenho um namoro/compromisso afetivo
 Outra: _____

4.

Qual é o seu local de residência?

Marcar apenas uma oval.

- Uma pequena cidade
 Uma grande cidade
 Um pequeno meio rural
 Um grande meio rural

5.

Qual é o seu nível de escolaridade?

Marcar apenas uma oval.

- Até 9 anos de escolaridade
 Até 12 anos de escolaridade
 Formação universitária (Licenciatura/Bacharelato)
 Formação universitária (Mestrado/Doutoramento)
 Outra: _____

6.

Qual é a sua situação profissional?

Marcar apenas uma oval.

- Desempregado/a
- Estudante
- Trabalhador/a-estudante
- Trabalhador/a por conta de outrem
- Trabalhador/a por conta própria
- Reformado/a
- Outra: _____

7.

Qual é o seu estatuto sócio-económico?

Marcar apenas uma oval.

- Baixo
- Baixo-médio
- Médio
- Médio-alto
- Alto

8.

Como se identifica relativamente à sua orientação sexual?

Marcar apenas uma oval.

- Heterossexual
- Bissexual
- Homossexual (gay ou lésbica)
- Assexual